

General Bento Kangamba em discurso directo ao Evidências

“Quando a população tem boas condições sociais... nem fala mal do Presidente”



PAG: 05, 06, 10 E 11

Conheça o homem que pagou salários no Estado com dinheiro do seu bolso para parar a greve

EVIDÊNCIAS

Nosso compromisso é com a verdade

Registo: 011/GABINFO-DEP/2020

DIRECTOR: Nelson Mucandze | EDITOR: Reginaldo Tchambule | Terça-Feira, 15 de Agosto de 2023 | Edição nº: 122 | Ano: 03



Um executivo sem nenhum imaculado e sem nenhuma estrela

Uma orquestra desafinada chamada Governo

A um ano e meio do fim do mandato, nenhum ministério se destaca pela positiva
Os 5 ministros mais brilhantes do primeiro mandato andam perdidos em combate
Núcleo duro de Nyusi já não convence e os problemas vão desde a TSU à falsas promessas

Escalonamento dos horários em Maputo para resolver problema de mobilidade

Arquitecto chumba projecto do Governo e recomenda desconcentração das instituições

PAG 04



PUBLICIDADE

DÁ GÁS A TUA EMPRESA COM O PLUS 1500

- ✓ Chamadas ilimitadas Rede Tmcel
- ✓ 12000MT Outras Redes
- ✓ 60GB + 2.5GB*
- ✓ 2000 SMS + 750 SMS*

PARA CONVERTER CRÉDITO *171# OU *214# (DUO)
Juntos, por um mundo digital para todos.



4.5G

Tmcel

Termos e condições aplicáveis. *Benefícios ao recarregar com 600MT+600MT+300MT

Filimão Suaze mentiu: Nyusi reconhece atrasos salariais nas FDS

O Presidente da República, Filipe Nyusi, reconheceu, semana passada, que o Estado está a atravessar um momento sensível no que se refere ao pagamento de salários na função pública e exigiu uma urgente solução dos atrasos e discrepâncias salariais, avisando que não vai tolerar desculpas. Num tom endurecido, deu como prazo a partir desta segunda-feira para o início do pagamento de salários em atraso das Forças de Defesa e Segurança (FDS) com base no antigo sistema.



Uma orquestra desafinada chamada Governo

Um Governo sem nenhum imaculado e nenhuma estrela

A um ano e meio do fim do mandato, nenhum Ministério se destaca pela positiva

Os 5 ministros mais brilhantes do primeiro mandato andam perdidos em combate

Núcleo duro de Nyusi já não convence e os problemas vão desde a TSU à falsas promessas

O Presidente da República, Filipe Nyusi, anunciou, semana passada, a convocação das eleições gerais (presidenciais, legislativas e provinciais) para o dia 9 de outubro de 2024, prenunciando, assim, o fim de um ciclo de governação, num momento de uma incomum impopularidade do actual Executivo que, diferentemente do primeiro mandato, em que pelo menos quatro ou cinco ministros brilhavam e suportavam a máquina, actualmente, apresenta-se como uma orquestra desafinada em toda sua dimensão e não se assaca sequer um ministro cujo trabalho é vistoso e digno de registo. Até um reformista e pragmático bastante elogiado quando esteve na Eletricidade de Moçambique, Mateus Magala, bastou se juntar ao Executivo para se tornar um campeão de promessas não cumpridas. Da “equipa dos sonhos”, nomeadamente Max Tonela, Carlos Mesquita e Celso Correia, que compunha o núcleo duro de Nyusi no primeiro mandato, nenhum ministro se destaca pela positiva, estando envolvidos em intermináveis escândalos de incumprimento de promessas feitas, fazendo com que projectos promissores, desde o Sustenta, Cabotagem Marítima à TSU, sejam autênticos falhanços.

Evidências



Depois de um primeiro mandato, em que o seu Governo foi testado ao extremo, durante quase todos os cinco anos devido a sequência de factores adversos, com destaque para a crise económica, agravada pela descoberta das dívidas ocultas e a suspensão do apoio externo ao Orçamento do Estado; calamidades naturais que desabrigaram milhares de pessoas e deixaram muitos em insegurança alimentar, instabilidade político-militar, entre outros, Filipe Nyusi tomou posse para um segundo mandato no dia 15 de Janeiro de 2020, relançando expectativas sobre a possibilidade de levar o

país a bom-porto.

Com um orçamento deficitário e dificuldades de acesso aos mercados, Celso Correia, Osvaldo Machatine, Max Tonela e Carlos Mesquita faziam parte do grupo selecto das grandes estrelas de Nyusi no Governo anterior, mas era o primeiro que fazia a orquestra funcionar. Celso Correia, que chegou a ter o título de Super-ministro, era o arquitecto e o “pagador” de alguns projectos e iniciativas de grande sucesso no primeiro mandato, que permitiram projectar, em algum momento, uma boa imagem do Governo e de Filipe Nyusi, em particular.

Como que a coroar a equipa que ganha, Nyusi reconduziu o seu núcleo duro para o segundo mandato, e neste momento, tirando João Osvaldo Machatine - que acabou sendo afastado após sucessivos escândalos - os “três mosqueiros” que faziam a orquestra soar, mesmo quando os demais não davam litro, parecem estar perdidos em combate ou num barco totalmente a deriva.

Num Governo visivelmente sem ideias, a acusar cansaço e cujo único recurso que sobra são episódios regulares de demonstração de arrogância, rareiam estrelas com brilho para sustentar a

máquina governamental.

O Super-ministro e outras estrelas apagadas

Nalgum momento, no presente ciclo de governação prestes a findar, era impossível falar do actual Governo sem fazer menção a Celso Correia, que brilhou, primeiro, com a pasta do Ambiente e Desenvolvimento Rural e agora está a ter um desempenho mediano na pasta da Agricultura e Desenvolvimento Rural, onde, através do projecto SUSTENTA, tentou transformar a agricultura familiar em uma cadeia de valor comercial, no entanto, os resultados estão ainda longe da expectativa criada.

Celso Correia continua a oscilar entre períodos apagados e algum momento de visibilidade, mas está longe de lembrar o super-ministro que até provia soluções para outros ministérios e para o Governo no geral, ou seja, deixou de ser o combustível

portos o fracasso da propalada Cabotagem Marítima por ele içada como uma das principais conquistas já o assombra, no sector da Indústria e Comércio, Mesquita não conseguiu elevar o nível de diálogo público-privado.

Enquanto isso, nas obras públicas herdou os problemas deixados pelo seu antecessor e até hoje não conseguiu justificar a confiança para o sector. A Estrada Nacional Número Um continua sendo uma dor de cabeça e os empresários em Sofala chegaram a sugerir ao Governo a remoção do asfalto para permitir melhor transitabilidade.

Para além de ter falhado o prometido arranque das obras de reabilitação da EN1 este ano, o ministro anunciou intervenções localizadas com contratações nebulosas, mas não abrangeu os troços mais críticos. Neste momento, a ligação entre o Sul, Centro e Norte está condicionada.

Mas, os pecados do apaga-



para a locomotiva funcionar.

Quem também anda apagado é Carlos Mesquita, outro ministro da constelação do mandato passado, que no início do mandato assumiu a pasta de Indústria e Comércio, mas mais tarde foi movimentado para as Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos.

Se no pelouro dos trans-

do Mesquita não param por aí. O modelo utilizador pagador que foi apregoado como solução para a manutenção de estradas não só não mostrou até aqui nenhum resultado, como também a qualidade das obras feitas pela REVIMO, cuja primeira pedra foi por si lançada, deixa muito a desejar.

Continua na pag 03

Condenados 40 professores por ilícitos eleitorais na Zambézia

Quarenta professores foram condenados por se terem recenseado no perímetro do município de Morrumbala, apesar de residirem fora. Os professores faziam parte das listas de prioridade da Frelimo dadas às brigadas de recenseamento. Além disso, o tribunal condenou três supervisores de brigadas por registarem indevidamente os professores. Em Mopeia, uma cidadã foi condenada por se ter registado em Morrumbala.



Continuação da pag 02

TSU afunda reputação de Tonela



Hoje, falar ou mesmo defender Max Tonela no meio de um grupo de funcionários públicos é arriscar-se a ser apedrejado ou insultado. É, hoje, a personificação da frustração dos funcionários públicos. As inconsistências da Tabela Salarial Única, os problemas de enquadramento, os atrasos e irregularidades da data de vencimento, a oscilação do valor do salário, entre outros, fizeram despencar a reputação de um ministro que ainda preservava.

Chegou ao cargo para substituir Adriano Maleiane, com o objectivo de desbloquear alguns projectos nebulosos que o seu antecessor se recusava a dar OK. Até conseguiu, nalgum momento, satisfazer alguns ministros que tinham projectos congelados, mas não conseguiu liderar o processo de reforma salarial, o que levou a uma crise sem precedentes na função pública.

Nos últimos dois anos, que coincidem com o seu consulado naquela pasta, as escolas e hospitais estão sem orçamento, a ponto de ficarem sem material básico e por vezes ficarem privados de energia eléctrica, para além de outros problemas que fazem com que não consiga ser sequer a sombra do que já foi no passado.

Enquanto isso, Adriano Maleiane, que saiu da pasta de ministro da Economia e Finanças para assumir o cargo de primeiro-ministro, tirou todo o peso de contas deficitárias das costas e conseguiu passar à margem das trapalhadas



da TSU, pese embora o projecto tenha sido iniciado no seu tempo.

Especialista em bater e fugir, Maleiane continua a mentir em boa parte das suas intervenções públicas, o que faz com que seja pouco credível entre os membros do governo, sobretudo quando o assunto são as perguntas ao Governo na Assembleia da República.

Armindo Tiago virou arrogante e insensível e Namashulua “está a mais” na educação

Depois de deixar boas impressões nas suas primeiras aparições como ministro da Saúde, mostrando uma boa capacidade de mobilização dos recursos humanos durante a Pandemia, está hoje irreconhecível.



De humilde e tecnicista que conseguia comover a tudo e todos, tornou-se um tanto quanto arrogante e insensível aos olhos da classe médica, que cumpre mais de um mês de greve e não encontra amparo e nem sinais de compreensão de Armindo Tiago, que parece ter sido capturado pela política. Suas últimas aparições têm sido para mandar recados, sobretudo aos médicos.

Com o programa “Um Distrito, Um Hospital” a ser empurrado pela barriga e falta de meios e medicamentos que levam o sector a estar a beira do colapso, Tiago carrega no seu currículo uma



série de promessas e mentirinhas não cumpridas, como quando prometeu introduzir TACs em todos os hospitais provinciais.

Por sua vez, Carmelita Rita Namashulua, ministra da Educação e Desenvolvimento Humano, está sempre presente nos holofotes pelas piores razões. Tem tido uma prestação algo apagada e não consegue prover soluções e ideias claras para colocar a máquina a funcionar. Esteve no centro do furacão aquando do escândalo nos livros escolares e agora por causa da falta de capacidade de gerir a questão das horas extras que levaram muitos professores a abandonarem turmas do curso nocturno por falta de pagamento desde o ano passado.

Arsénia Massingue é outro caso que



oscila entre o bem e o mal. Consegue mostrar algumas reformas notáveis no sector, mas não consegue mostrar punho para resolver a questão dos raptos que assombram o sector.

Daniel Nivagara, ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, consegue ser mais apagado que a própria sombra. Não lhe são conhecidos grandes feitos, senão a célebre promessa de computadores a todos os estudantes do ensino superior que nunca chegou a acontecer.

Outra grande nulidade é a ministra da Cultura e Turismo, que continua a navegar em águas turbulentas e sem grande protagonismo. Nem a cultura, nem o turismo tem hoje uma marca palpável da sua passagem por estes dois sectores.

Igual apreciação pode se fazer em relação a Nyeleti Mondlane, cuja existência como ministra só é recordada nos dias que dirige cerimónias públicas. A protecção social registou um grande revés nos últimos anos.

Nem grandes promessas, nem polémicas

Verónica Macamo Ndlhovo, ministra dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, cuja nomeação foi alvo de desconfiança do público, tem usado da sua maturidade para manter-se longe das polémicas e liderar os negócios e cooperação do país.

Tem coordenado com uma certa ma-



turidade a pasta, e mesmo no momento mais nevrálgico da geopolítica mundial conseguiu manter Moçambique amigo de todos, e como corolário desta política, o país foi eleito por unanimidade no Conselho de Segurança da ONU. O seu grande TPC é conseguir dar uma boa resposta ao problema de vandalização de bens de moçambicanos na fronteira com a África do Sul.

Alheia a polémicas e com aparições

mais discretas e maduras, Margarida anda longe dos escândalos que sempre rodearam a instituição durante o mandato das suas duas antecessoras. Com um sector pouco sensível, tem se mostrado forte na dinamização do diálogo com os trabalhadores dentro e fora do país e o sector. Através do INSS, tem conseguido estar sempre a inaugurar e a fazer obras, e por duas vezes teve que intervir para frear tentativas de subfacturação no proces-



so de contratação de bens e serviços no INSS, o que lhe valeu alguns elogios pela coragem.

Já Cristóvão Chume continua a passar também longe da polémica, tirando o seu romance com uma ministra, e tem conseguido mostrar liderança no sector. Comunicativo e bem articulado, consegue desembaraçar sempre que possível o que parece embrulhado. Os ganhos no terreno são notórios.

Helena Kida é outra ministra que parece estar a fazer as pazes com os moçambicanos, depois de ter confundido os My Loves com mototaxis. Mostrou ponderação na gestão da crise da Igreja Velha Apostólica e no seu consulado o ministério abriu os cordões à bolsa para construir imponentes Tribunais Distritais.

A Ivete Maibase, ministra da Terra e Ambiente, também não é dada a polémicas. Está sempre presente nos festejos de datas comemorativas e nos lançamentos de campanhas. É notável o seu engajamento e conhecimento do sector. Para além da transformação e requalificação de parques e Reservas, o seu mandato leva o condão de ter conseguido repovoar algumas espécies que estavam ameaçadas de extinção, ao mesmo tempo que se re-



gita uma redução considerável dos níveis de caça furtiva.

A presidente da Assembleia da República, Esperança Bias, pediu, na última sexta-feira, aos médicos e ao Governo para que resolvam as divergências que levaram a classe médica a optar pela greve há mais de um mês. Recorde-se que a greve iniciou a 10 de Julho e são apenas garantidos os serviços mínimos nas unidades sanitárias.



Escalonamento dos horários em Maputo para resolver problema de mobilidade

Arquitecto chumba projecto do Governo e recomenda desconcentração das instituições

O Governo submeteu, há dias, à Comissão Consultiva do Trabalho (CCT), que inclui o próprio Governo, os sindicatos e empregadores a proposta de escalonamento dos horários de trabalho com o objectivo de diminuir o congestionamento e a sobrelotação dos transportes semi-colectivos, bem como permitir maior fluidez do tráfego e mobilidade na região metropolitana do grande Maputo e Matola. No entanto, a medida é vista com alguma reserva por alguns analistas. Victor Tomás, arquitecto e docente universitário, considera que a solução para a mobilidade na cidade de Maputo passa pela criação de mais polos económicos e sociais, de modo que não sejam todos obrigados a ir na mesma direcção e local ao mesmo tempo. Por seu turno, o analista político, pesquisador e docente universitário, Gil Aníbal diz que é preciso ter muita cautela, enquanto o economista Elcídio Bachita entende que a medida pode ter implicações económicas severas, caso não seja implementada em estrita observância das necessidades da população, principalmente para o sector privado.

Renato Cau

Está por hora adiada a discussão da proposta do novo modelo de horários de trabalho que foi submetida à Comissão Consultiva do

do, em que, por exemplo, os bancos e as seguradoras, que funcionam das 8h às 15h30, deverão passar a operar das 9h às 17 horas; que os funcionários públicos passem a trabalhar das 8h30 às 16h30, contrariamente ao actual horário de 7h30 às 15h30.

O sector Privado, que normalmente funciona das 7h30 às 12h00, interrompendo as actividades por duas horas e retoma das 14h às 17h00, com a nova proposta, passará a ter horário único, das 8h00 às 17horas, sem interrupção.

O analista Gil Aníbal alerta que a aprovação da lei baseada na Cidade de Maputo pode criar desníveis na qualidade dos serviços da Administração Pública, bem como um total desenquadramento no resto das províncias do país. Para ele, o escalonamento não deve depender apenas do ministério dos Transportes e Comunicações, pois há que convocar ao debate o ministério da Administração Estatal e Função Pública, bem como o sector privado.

Alerta ainda que se a implementação da proposta de escalonamento dos horários não for devidamente estudada e implementada com base em pressupostos reais do país cair-se-á no erro de tê-lo funcionando apenas em



Maputo e ser um completo desastre e criador de problemas noutros locais.

Ademais, defende a necessidade de testar se o modelo funciona, porque noutros países, “para além do escalonamento, têm sistema integrado de transporte público (rodoviário, ferroviário, fluvio-marinho e aéreo) funcionando e respondendo às necessidades da demanda; e na Cidade de Maputo nós não temos isso”.

Criação de novos polos económicos pode ser a alternativa viável

Já o arquitecto e docente de arquitectura na Universidade Eduardo Mondlane (UEM), Victor Tomás, refere que a solução para uma maior mobilidade e eliminação de congestionamento de e para a cidade passa pela criação de mais polos económicos e sociais, de modo que não sejam todos obrigados a irem na mesma direcção e local ao mesmo tempo.

“A nossa cidade concentra muito as actividades, em vez de dispersar. As pessoas têm de sair de todas zonas periféricas da cidade para o centro da cidade, onde tem os seus empregos”, critica, sublinhando que a solução para o problema de conges-

tionamento na área metropolitana não passa em mudar os horários de funcionamento dos serviços públicos, mas sim pela colocação de mais transportes públicos na via pública de forma eficiente combinado com criação de polos de trabalhos, emprego e serviços que não sejam no centro da Cidade de Maputo.

Victor Tomás considera que os constantes problemas de congestionamento na Cidade de Maputo e Matola, principalmente nas horas de ponta, tem a ver, segundo disse, com o fraco planeamento e diz não entender a razão de se ter construído um conglomerado de ministérios junto do Ministério dos negócios estrangeiros.

“Só ali tem uma série de ministérios que servem ao país todo. A pergunta que se faz é: por que foram fazer todos aqueles ministérios uns encima dos outros a olhar para o mar e não foram fazer, por exemplo, no Magoanine ou no Zimpeto, de maneira a atrair e descongestionar a cidade? Fica claro que a cidade concentra de Maputo em um espaço limitado e saturado grande número de postos de emprego, bem como de serviço, fazendo com que um grande número de pessoas precise se deslocar diariamente a mesma zona porque

está lá tudo concentrado”, remata.

Enquanto isso, esta medida é bem vista pelo economista Elcídio Bachita, que avançou que o país precisa de soluções urgentes para fazer face aos constantes cenários de engarrafamento e longas horas de espera nas paragens.

“Por conta das longas filas de espera a caminho dos seus locais de trabalho, as pessoas já chegam visivelmente cansadas e psicologicamente saturadas por causa do que passaram a caminho dos seus locais de trabalho, e essa seria uma das causas da baixa produtividade dos Funcionários e Agentes do Estado”, sublinha.

Embora veja o escalonamento com bons olhos, Bachita se mostra receoso com a possibilidade desta medida deixar a qualidade dos serviços prestados ao cidadão ainda mais paupérrimos do que actualmente estão.

“Neste momento, o país precisa de medidas que venham a impulsionar a economia e melhorar de alguma maneira, como os indicadores micro e macroeconómicos andam. Não basta aprovarmos a lei, temos de saber o que isto vai implicar. Não podemos cair no erro de piorarmos a situação em que estamos”, refere Bachita.

Trabalho. Trata-se de uma proposta apresentada pelo Ministério dos Transportes e Comunicações, que propõe a mudança de horário na função pública e no sector priva-

Governo sem dinheiro para indemnizar gasolinheiras

O Governo está sem cabimento orçamental para indemnizar fornecedores de combustíveis que “devem” encerrar suas bombas erguidas em locais impróprios, ou seja, nas proximidades de residências, bem como por baixo de prédios. No diálogo entre o Governo e as gasolinheiras foi exigido ao Governo indemnizações e novos espaços, mas este não tem dinheiro e o município não tem espaços para os atribuir.



DESTAQUE

EVIDÊNCIAS

15 DE AGOSTO DE 2023

5

General angolano Bento Kangamba em discurso directo

“Quando a população está em boas condições sociais... nem fala mal do Presidente”

“Nós em África pensamos que quem faz greve é da oposição”

“Não tenho amizade de JL e também não quero que me veja como um amigo”

Kangamba pagou, do seu bolso, na totalidade, salário aos profissionais da Educação e da Saúde para parar greve

O empresário e político angolano, Bento dos Santos Kangamba, concedeu uma longa entrevista à imprensa moçambicana (TV Sucesso e Evidências), onde abre-se para falar do seu percurso polémico na política e nos negócios. Kangamba, que é também general de três estrelas, encara as similaridades entre Moçambique e Angola, e aborda com profundidade as turbulências sociais caracterizadas pelas greves e manifestações nos dois países irmãos, frisando que “Quando a população está em boas condições sociais, ninguém precisa tocar no ministro, nem falar mal do Presidente”. Na entrevista conduzida pelo jornalista Luís Nhachote, num especial para o Evidências, Kangamba reitera sua lealdade ao falecido presidente angolano, José Eduardo dos Santos, e assume o posicionamento diferente na relação com João Lourenço, sentenciando que “aqueles que governam têm que ser calmos para interpretar bem porquê é que há greve. Nós em África pensamos que quem faz greve é da oposição”. Nos excertos mais importantes que se seguem, no modelo clássico de pergunta e resposta, o entrevistado aborda também a origem da sua riqueza, os processos no Brasil, Portugal e França.

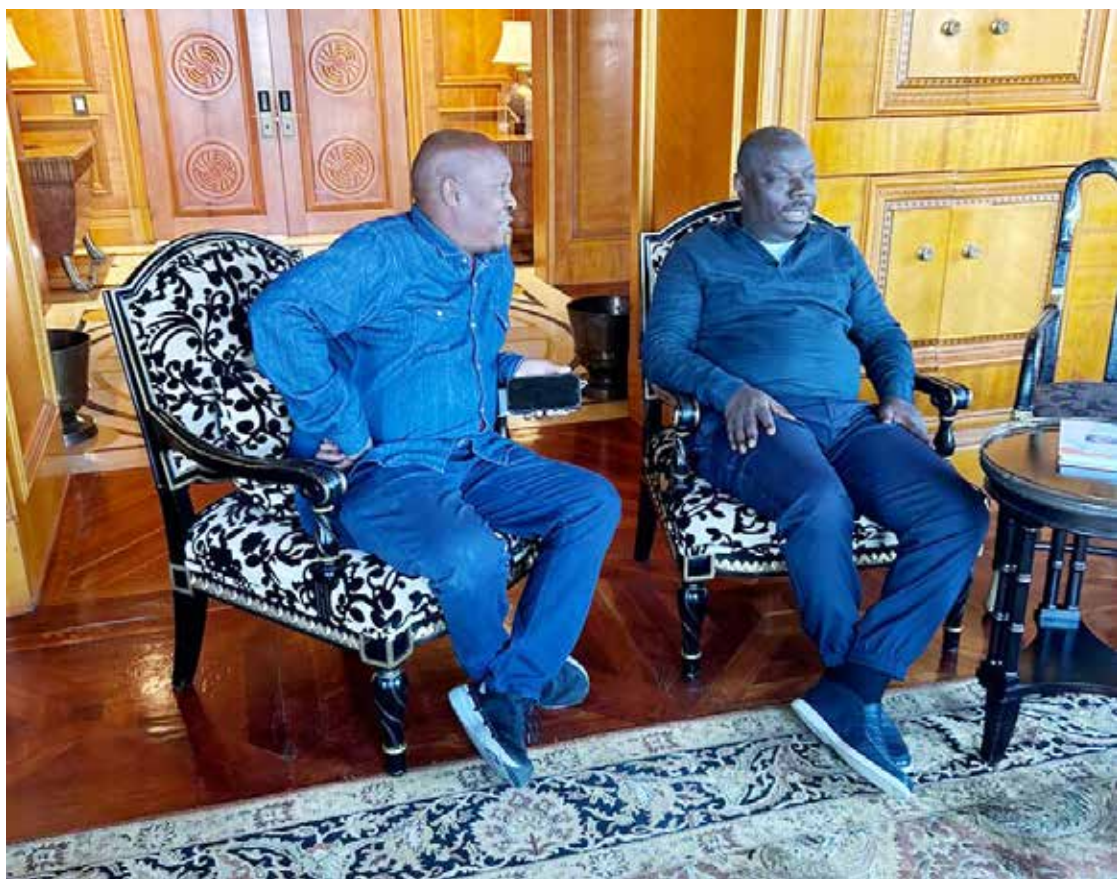
Luís Nhachote*

Obrigado por aceitar falar para a comunicação social de Moçambique. Bento Kangamba é conhecido como o “Empresário da Juventude”, mas é na política, no desporto e na solidariedade que ganhou notoriedade. Quem é Bento Kangamba: nascimento, percurso militar, empresarial e político?

- Bento Kangamba (BK) é um cidadão normal, como outros, nascido no Moxico, Angola, há 06 de Julho de 1965, e é lá onde fiz os meus primeiros estudos. Depois daquela avalanche do início da independência, em 1974, fui repescado para as FAPLA (Forças Armadas Populares de Libertação de Angola), muito jovem. Depois da independência, estive em Cuba, na formação do quadro militar das Forças Armadas-FAPLA, isso foi em 1985, e depois participei na batalha de Kangamba, que se deu em 86, já como logístico. Fui for-

mado como Comandante da retaguarda. As pessoas não sabem, mas eu sou um dos quadros das Forças Armadas, formado mesmo em logística, em Santa Clara.

Depois que acabei a formação, coincidentemente, começou a haver muita turbulência da guerra civil em Angola. Aquela entre os sul-africanos, com a própria Namíbia, por causa do Apartheid, e nós já havíamos recolhido as forças do ANC para estarem connosco, estiveram o ANC, esteve a SWAPO, a Frelimo. Nessa altura, o regime do Apartheid sofisticava a sua guerra no sul de Angola, falo do Cunene, Lubango, Namibe e o Bié. E aí fui enquadrado numa povoação chamada Yona, onde há agora um parque nacional, que fazia fronteira de Angola com a Namíbia, a Leste e Oeste, quase tocava a RSA. Ficamos lá e depois fiquei logístico da 47ª Brigada da Reserva do Comandante-em-Chefe.



Nessa altura, a UNITA estava a organizar-se, talvez do exército português e da China Popular. O (Jonas Malheiro Sidónio) Savimbi começou a preparar a sua guerrilha no Leste de Angola, que é o Moxico, Cuando Cubango, as duas cidades onde começou a guerra. Para aquelas pessoas que não conhecem a história, por exemplo os jovens, pensam que a guerra começou no Huambo ou que começou no Bié. Nesse momento não havia guerra no Bié, porque a UNITA preparou-se bem, estava a preparar-se na mata no Leste de Angola e no Cuando Cubango.

Naquele tempo, não tínhamos o sistema de verificação de controlo das matas todas. Angola é grande, depois não conseguimos, digo nós exército das FAPLA, não tínhamos ainda aquela capacidade de controlar o movimento todo das matas de Angola, senão íamos dar conta da for-

mação da UNITA e a criação da Jamba, nesse tempo todo.

Daí, saí da 47ª Brigada e automaticamente fui parar na 62ª Brigada, que tinha a missão de controlar a entrada da UNITA, através da Namíbia, e da RSA, pelo rio Longa, e nós estivemos lá. Fiquei muito tempo e depois fui participar numa batalha chamada Kangamba, de onde deriva o meu nome..

A guerra prejudicou o desenvolvimento humano de muitos de nós. Quando vamos a alguns debates algumas pessoas que não entendem o que aconteceu perguntam-nos: “então, você é inteligente, não se formou porquê? Não é jurista, não é economista porquê?”. Esquecem que a guerra provocou o atraso de algumas pessoas como eu. Mas no fim, Angola teve um bom entendimento entre irmãos, acabamos com a guerra, e hoje Angola é democrática, falamos da

democracia e os dois partidos que se combateram, hoje todos somos irmãos, têm deputados na Assembleia Nacional, todo mundo discute e debate democraticamente na Assembleia Nacional, isso é que é mais importante.

Como avalia a situação política em Angola?

- Bom, todas nossas mudanças têm as suas consequências. No MPLA houve uma mudança de um Presidente que fez 38 anos no poder. Quando falamos de 38 anos não são cinco dias, não. São vidas de pessoas. O Presidente José Eduardo dos Santos liderou desde 1979, depois da morte do Dr. Agostinho Neto. É claro que todas as mudanças e a performance que fez o MPLA ser aquilo que ontem foi, agradece-se ao presidente José Eduar-

Continua na pag 06

LAM reajusta preços dos voos de rota Maputo/Joanesburgo

A companhia de bandeira introduziu novos preços de passagens para Maputo/Joanesburgo em 6.650,00MZN; Joanesburgo/Maputo em 1.300,00ZAR, que podem ser adquiridos online, tendo também introduzido novos voos às sextas-feiras, com partida do voo em Maputo às 21:00 horas.



Continuação da pag 05

do dos Santos. Foi ele que estruturou o partido, que criou as condições, propôs e teve a confiança do seu Comité Central e do Bureau Político na mobilização que ele teve naquele tempo de fazer um partido de massas, o *MPLA do povo*. Essa expressão puxou e mobilizou a massa popular, o povo.

Enfim, é por isso que se diz que *o povo é o MPLA*, e tivemos esse sinónimo naquele tempo do partido único, e depois ele teve a capacidade de verificar o partido e dar uma abertura e foi possível um Comité Central de cento e tal pessoas, um bureau político de 20, 25 pessoas. Eduardo dos Santos permitiu o aumento desses órgãos no partido. O que aconteceu? As pessoas envelhecem, as pessoas adoecem, isso é normal, e perdemos um grande líder, chamado José Eduardo dos Santos.

A perda de José Eduardo dos Santos (JES) antes da morte, por ele sentir-se sem condições para dirigir o partido e o país, criou-se uma figura para o substituir, discutimos e achamos que para o substituir, José Eduardo dos Santos, seguir-se-ia o Presidente João Lourenço. É claro que dentro do partido, ou fora, haviam pessoas que também esperavam que fossem indicadas ou escolhidas, mas não foram escolhidas. O que nós devemos fazer é ser fiel a ele que foi escolhido, para que dirija bem o partido e consigamos fazer e cumprir os programas do partido. Falo isso porque em Angola, para ser Presidente da República, tem que passar por um partido, ser presidente do partido ou cabeça-de-lista de um partido para ser candidato a presidente da República. Se os partidos não têm condições para acompanhar isso haverá problemas.

O que temos estado a ver é que o Presidente João Lourenço tem estado a conduzir bem as coisas, está a verificar, já começou a ver que era, tinha cometido alguns erros e está a corrigir agora...

“Foi José Eduardo dos Santos que iniciou o combate à corrupção”



Uma das primeiras medidas do Presidente João Lourenço (JLo) foi a caça aos Marimbondos. O que é isso de Marimbondos? Como viu isso?

- Quem é culpado nisso? As pessoas sempre pensam que quem é culpado é aquele que está a dirigir. Mas quem começou com isso, eu sou testemunha, foi o Presidente José Eduardo dos Santos, quando tomou a decisão de que não deveria haver mais corrupção no partido e que era necessário acabar com a corrupção, que tínhamos que acabar com aqueles ministros que monopolizavam os Ministérios, tinham empresas que não serviam os interesses do Estado e do povo,

mas serviam os interesses dos primos ou das primas. Mas naquela altura as pessoas não puseram aquilo em andamento e o Presidente João Lourenço entra e ele põe aquilo como a sua bíblia, a sua ideologia de governação.

Marimbondo é claro que são aquelas pessoas que exerceram algumas funções governativas, algumas das quais estiveram envolvidas em processos de corrupção. O nome marimbondo veio e pegou, e a moda generalizou, qualquer pessoa que naquele tempo estivesse ligada ou pertencesse ao governo do Presidente José Eduardo dos Santos era visto como marimbondo. Um cenário mau ao próprio partido, para as pessoas e ao próprio governo.

E como vê a corrupção em Angola e o mesmo cenário em Moçambique?

- A corrupção em África é falada por todos, mas o mal é falarmos da corrupção e não conseguimos encontrar o corrupto. É preciso encontrar quem é corrupto. Quem corrompe quem? Eu sinto assim, por exemplo em Angola o debate no MPLA é igual ao da Frelimo. É claro que todo mundo diz que a Frelimo tem dirigentes corruptos, a Renamo diz que a Frelimo tem dirigentes corruptos. A UNITA diz que o MPLA tem dirigentes corruptos. São estratégias da oposição para poder governar.

É claro que o MPLA e os

nossos governantes devem criar condições sociais para a nossa população, isso é que os africanos ainda esquecem. O povo e o cidadão normal precisam de coisas básicas: precisa de um peixe, uma fuba (xima) de milho, arroz. Não se pense que é apenas em Angola, em Moçambique é bem igual.

São coisas básicas que a população precisa, e nós políticos precisamos de ter isso bem presente. Os presidentes devem formar os dirigentes com esse tipo de mentalidade, esse tipo de abordagem, que consigam conduzir programas básicos para as populações. Se a população se sentir e estiver bem e com melhores condições, é claro que tu vais estar muito tempo no poder e ninguém te vai incomodar.

Quando a população está em boas condições sociais, ninguém precisa tocar no ministro, nem falar mal do Presidente, ninguém precisa falar mal de ninguém porque está bem. Os países árabes ilustram esse exemplo, e existem mais sítios. Não fazem eleições porque acham que não há necessidade, não há necessidade de fazer eleições como sabe que as populações têm condições, as populações têm aquilo que merecem. Por isso, apelo que sigamos esse caminho para Angola, enfim, e noutros países da África melhorem e não tenhamos turbulências na governação.

“O mais importante não são os que agitam o Presidente, mas o que ele pensa”

O MPLA continua unido? Vimos filhos do antigo Presidente a sair do país por perseguições porque tinham negócios com Estado, ganhavam concursos, estavam ligados à Sonangol, à Unitel, falo da Isabel dos Santos, da Tchizé dos Santos. Como viu essa situação dos filhos de José Eduardo dos Santos terem que deixar o país?

- Aí não posso responder essa pergunta. Os filhos do antigo Presidente do MPLA são sinónimo de sangue do partido MPLA. O Presiden-

te João Lourenço é sangue e sinónimo do MPLA. O que deve haver é que nem os filhos, nem os militantes, tenham medo e abandonem o seu país porque as pessoas vão lhes fazer mal.

Internamente, devemos ter a coragem de debater essa situação no partido e dentro de Angola para que se melhorem as condições e que todos, unidos, possamos ajudar o Presidente João Lourenço a melhorar e sair desses problemas que temos a nível do país.

A Isabel dos Santos é uma grande empresária, tem valias, é preciso que as pessoas

aconselhem o Presidente para que se debata o caso e a situação acabe, porque ela é angolana. Se é angolana tem que contribuir para o seu país. O mais importante aqui não são as pessoas que agitam o Presidente e criam esse problema. O mais importante é aquilo que o presidente tem e pensa, saber que a Isabel dos Santos é angolana e tem capacidade de apoiar, de dar a sua contribuição na sua própria pátria.

Eu, Bento Kangamba, não aconselho ninguém dos meus colegas e correligionários a viver fora do país. Tenho que estar aqui dentro do meu país,

onde nasci, o meu sangue está aqui e o meu umbigo foi enterrado aqui.

Acredita que o Presidente está a ser agitado neste posicionamento que está a tomar quanto a essas figuras?

- O Presidente tem muitos conselheiros e há conselheiros que acham que para ele ser bom Presidente tem que prejudicar o Bento Kangamba ou prejudicar fulano e beltrano.

Continua na pag 10

Registro: 011/GABINFO-DEP/2020

**DIRECÇÃO | REDACÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO**

Avenida 24 de Julho; nº 4318; 1º andar
esquerdo; Cidade de Maputo

DIRECTOR EDITORIAL:

Nelson Mucandze | 84 6198544 |
mucandze@evidencias.co.mz

EDITOR:

Reginaldo Tchambule | 828683866 |
r.tchambule@evidencias.co.mz

ADMINISTRAÇÃO:

Ângela Fortunato
| admin@evidencias.co.mz
Contacto: +258 840401038 |

COMERCIAL:

| comercial@evidencias.co.mz
Contacto: +258 856469447 |

REDACÇÃO

Email: redacao@evidencias.co.mz

JORNALISTAS: Duarte Siteo,
Renato Cau e Aldo Matsinhe |

REVISOR: Wells Matsinhe |

EXPANSÃO:

Edmilson Mate Cell: 847574905 |

CORRESPONDENTES: Beira - Jossias
Sixpence | Nampula – Francisco Máquina,
Pemba - Adolfo Manuel

COLUNISTAS EFECTIVOS: Luca Bussotti,
Afonso Almeida Brandão, Alexandre Chiure,
Teodósio Camilo

Propriedade de:



Lúrio Comunicação Lda

Numero de Registro de Entidade
Legais: 101353478

Movimentos da sucessão em surdina

O Presidente da República, Filipe Nyusi, convocou, na semana passada, as eleições gerais, que incluem as legislativas, provinciais e as sétimas presidenciais, para 09 de outubro de 2024.

O anúncio, que surge em meio as mexidas constitucionais, para dar conforto constitucional ao adiamento das eleições distritais, inaugura a corrida presidencial que bem antes do congresso movimentava grupos que buscam alinhar-se como opções à sucessão dentro da Frelimo. O anúncio da data das eleições gerais e a aprovação pela bancada Parlamentar da Frelimo do adiamento das eleições distritais são dois eventos que encerram as incertezas da realização das eleições e as ambições de um terceiro mandato e nos remete agora à novas reflexões que giram em torno do perfil dos candidatos que manifestam vontade, vistas ou que se auto proclamam presidenciais.

É que a oposição, apesar de constituir opção política nas eleições autárquicas que decorrem no momento, não transmite a mesma seriedade quando o assunto são eleições presidenciais, onde a organização política e o plano de governação, por mais irrealista que seja esta última, é determinante, contrariando as eleições autárquicas, cuja força de alternativa reside no cabeça-de-lista, facto que fará a Renamo e o MDM manterem-se presentes na governação graças ao capital político de alguns nomes que lideram as listas.

Mas porque a alternativa a Frelimo é a própria Frelimo, é este que tem ganhado atenção e ainda é dentro deste partido onde se verificam os movimentos da sucessão, caracterizada pela queima pública

de alguns nomes que ousaram desafiar o discurso de que “não basta querer, temos que te querer”.

Mas sem grandes surpresas, o eco do discurso não consegue chegar até as presidenciais. E a partir dos nomes que circulam, depreende-se que teremos a reedição de 2014, marcado por eventos de queima pública de figurantes potencialmente aceitáveis, indiferença as competências dos candidatos sob argumento de que é uma governação da Frelimo, facto que veio abrir espaço para que a presidência se tornasse numa aventura.

Não se pode ter resultados diferentes recorrendo às mesmas acções. E há percepção consolidada dentro da Frelimo de que os critérios de seleção aos candidatos internos, limitados a regionalismo, histórico de militância por via ou não dos pais, e vez daqueles no lugar destes, abriram espaço para erro de casting, o que se traduz no erro clássico de governação. No entanto, são os mesmos critérios evocados hoje para garantir o sucesso, o que se traduz numa sucessão de erros que começam dentro da Frelimo.

O mundo mudou, a consciência dos governados também, e os anseios são outros. E a consciência de que a presidência não pode voltar a ser um lugar de aventura, é colectiva, pelo que urge que os partidos políticos dominantes escolham os seus candidatos com base nos planos de governação que os candidatos possam apresentar. Este é um exercício que deve ser conjugado com a competência, e competência de governação não é gerindo uma escola que se pode, de um dia para outro, gerir um país.

FACIM: Inscritas 50 empresas da província de Maputo

Até o momento, perto de 50 empresas de diversos ramos da província de Maputo inscreveram-se para participar da Feira Internacional de Maputo (FACIM 2023). O director provincial da Indústria e Comércio, Joel Nhassengo, diz ainda haver espaço para mais empresas, pois prevê-se que a 58ª Edição atraia mais de 2.500 expositores nacionais e estrangeiros de 25 países e 450 empresas estrangeiras.



Estudo indica que mais de um quarto dos reclusos moçambicanos vive com HIV

Mais de um quarto dos detidos nas cadeias moçambicanas tem HIV, segundo os resultados preliminares do Inquérito Biológico e Comportamental em Reclusos e Agentes Penitenciários em Moçambique, conduzido pelo Instituto Nacional de Saúde (INS).

De acordo com os dados do estudo, realizado este mês e consultado hoje pela Lusa, a prevalência do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) nos estabelecimentos penitenciários do país situa-se em 31,5% em reclusas e 25,4% em reclusos.

O levantamento foi, segundo a LUSA, realizado durante o ano de 2022 pelo INS, em parceria com o Serviço Nacional Penitenciário (Sernap), com o objetivo de “estimar a prevalência do HIV, sífilis e supressão viral do HIV entre reclusos e agentes penitenciários”, mas também “avaliar comportamentos de risco associados” àquelas doenças, bem como avaliar o acesso e utilização de serviços de prevenção, testagem e tratamen-

to para essas doenças.

“Os resultados apresentados mostram uma prevalência de sífilis em 10,9% em reclusos e 3,6% em reclusas. Relativamente à supressão viral, 94% de reclusos que vivem com o HIV conhecem o seu sero-estado, dos quais 84,1% estão em tratamento antirretroviral, e 76,3% alcançaram a supressão viral. Em reclusas, 98,4% das que vivem com o HIV conhecem o seu sero-estado, 96,1% estão em tratamento antirretroviral e 76,1 por cento atingiram a supressão viral”, lê-se na informação do INS.

“É nossa expectativa que o estudo possa contribuir para melhorar o acesso aos cuidados e tratamento, apoiar as intervenções relacionadas



com a prevenção positiva e reforçar intervenções sociais e comportamentais para a prevenção da infeção por HIV e infeções de transmissão sexual entre a população reclusa, incluindo a importância do uso dos mecanismos de prevenção aconselhados”, comentou, sobre este estudo, o diretor-geral do Sernap, António Augusto Maurice.

O inquérito foi realizado em 22 estabelecimentos

penitenciários do país, entre março de 2022 a agosto do mesmo ano, envolvendo 1.069 reclusos, 99 reclusas e 135 agentes penitenciários, sendo que, em média, foram envolvidos 56 reclusos e seis agentes penitenciários em cada estabelecimento selecionado. O estudo contou com a colaboração e apoio do Fundo Global, Fundação para o Desenvolvimento da Comunidade, a Family Heal-

th International, Ariso entre outras entidades.

Trata-se do segundo inquérito bio-comportamental de género realizado em Moçambique, segundo o INS, após o realizado em 2011, com os resultados de então a apontarem para uma prevalência de HIV de 23,1% em reclusos e 36% em reclusas. Em relação à sífilis, a prevalência foi na altura de 15,6% em reclusos e 21% em reclusas. **LUSA**

INSS poderá inscrever trabalhadores moçambicanos no Zimbabwe

O Instituto Nacional de Segurança Social (INSS) poderá abrir uma nova frente na região Austral de África, no âmbito do processo de inscrição de trabalhadores moçambicanos no estrangeiro no Sistema de Segurança Social Obrigatória, no contexto do regime de Trabalhadores por Conta Própria (TCP), previsto nos termos do Regulamento da Segurança Social Obrigatória, aprovado pelo Decreto nº 51/2017, de 9 de Outubro.

A intenção foi manifestada por Joaquim Moisés Siúta, diretor-geral do INSS, após receber uma delegação zimbabweana que esteve em Maputo, no âmbito do memorando de entendimento entre os dois países, mais concretamente entre o Ministério do Trabalho e Segurança Social de Moçambique e o Ministério dos Serviços Públicos, Trabalho e Segurança Social do Zimbabwe, no domínio da área laboral, assente na

promoção do trabalho digno, boas práticas de higiene e segurança no trabalho, a segurança social, entre outras.

De acordo com Joaquim Siúta, o INSS está em condições de inscrever os cidadãos moçambicanos que trabalham e vivem no Zimbabwe no Sistema de Segurança Social do seu país de origem, no quadro do processo que a instituição tem vindo a desencadear na diáspora, que iniciou em 2022, na Repú-

blica da África do Sul (RAS), bem como noutro país vizinho de Moçambique, o Reino de Eswatini (ex-Suazilândia).

Aliás, o INSS já vem realizando o mapeamento de países onde se encontram cidadãos moçambicanos a residir ou a trabalhar, com o objetivo de trazê-los ao sistema de segurança social do país natal, como forma de ajudá-los a preparar o seu futuro social, tendo em vista o seu regresso à pátria, ou mesmo no momento actual, através dos benefícios que o Sistema oferece a todos os que nele estão inscritos e que canalizam as contribuições regularmente.

Nesse processo, o INSS já conseguiu inscrever mais de 1.700 moçambicanos que trabalham ou residem na RAS e em Eswatini, em dois anos, através da deslocação de bri-



gadas técnicas até às zonas onde se encontram localizados ou trabalham.

O diretor Geral do INSS explicou aos integrantes da delegação zimbabweana sobre os investimentos da instituição, tendo em conta as obrigações sociais para que foi criada, os avanços e desafios no âmbito da sustentabilidade do Sistema, as experiências da convenção entre

Moçambique e Portugal, no âmbito da Segurança Social, bem como a integração dos TCP no Sistema de Segurança Social Obrigatória, gerido pelo INSS.

A sensibilização e inscrição de trabalhadores moçambicanos na diáspora abrange todos os sectores de actividade, incluindo o sector informal, dependendo do contexto de cada país onde residem.

Nelson Manhendje pode ser expulso do MDM por apoiar Júlio Parruque

O membro do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Nelson Manhendje, está a ser processado internamente por ter declarado publicamente apoio a Júlio Parruque, cabeça-de-lista da Frelimo para Matola. O presidente do MDM diz que é preciso examinar a condição psíquica de Manhendje e exige a expulsão do partido.



Em marcha marcada por cânticos e mensagens reivindicativas

Médicos exigem demissão do ministro da Saúde por falta de sensibilidade

Centena de médicos marcharam, no último sábado, pelas ruas da cidade da Beira, em apoio à greve da classe que dura desde 10 de Julho e em protesto contra a falta de respostas do Governo. Durante a marcha pacífica, que teve escolta policial, os médicos pediram a demissão do actual ministro da Saúde, Armindo Tiago, médico de profissão, que é visto na classe como um traidor e insensível ao grito de seus pares.

Jossias Sixpence - Beira

Empunhando dísticos e entoando músicas de combate, centenas de médicos da província de Sofala, no centro do país, desmistificaram, este sábado, a ideia avançada pelo Governo de que apenas a cidade de Maputo tinha médicos em greve, ao sair em massa para uma marcha que percorreu as principais artérias da segunda maior cidade do país.

Entre os gritos de guerra, destacam-se pedidos expressos de demissão do ministro da Saúde, Armindo Tiago, alegadamente por estar a ser insensível ao grito de socorro dos seus pares.

Os médicos também gritaram

"não somos só 60", em resposta à decisão do Conselho de Ministros, no dia 01 de Agosto, de contratar apenas seis dezenas de profissionais de saúde para substituir os grevistas que estão estimados em mais de dois mil.

"Que tenha sensibilidade por esta causa, porque não é só nossa, esta causa também é dele. Nós sentimos que ele está distante, sentimos por esta falta de comunicação", disse Leonel Andela, delegado da associação médica de Moçambique em Sofala

Leonel Andela pediu apoio dos utentes e da sociedade civil, pois, no seu entender, esta luta não é só



da classe médica, mas sim de todos moçambicanos contra um governo cada vez menos comunicativo e intolerante.

"Obviamente para ter um Serviço Nacional de Saúde funcional é necessário funcionários de saúde que estejam bem cuidados, estejam satisfeitos com as condições de trabalho, como também nas condições remuneratórias", frisou, destacando que os médicos que cumprem greve até o próximo dia 21 estão a prestar serviços mínimos.

"A maioria das pessoas que nós

encontramos nas unidades sanitárias estão a prestar serviços mínimos e alguns colegas com cargos de chefia, por vários motivos, não podem aderir à greve", concluiu Andela.

A marcha acontece também depois de vir a público que o Governo tem uma proposta de revisão do Regulamento do Estatuto do Médico na Administração Pública, que pode mexer em alguns direitos já adquiridos pelos médicos, como a redução do subsídio do trabalho em regime de turnos, dos actuais 30% para 7,5% e a alteração da modalidade de trabalho extraordinário, tendo em conta que o médico e o médico dentista não exercem actividades.

Refira-se que entre as várias reivindicações estão a fórmula de cálculo para o pagamento dos subsídios de diuturnidade, das horas extraordinárias, problemas de enquadramento e cortes salariais e melhorias das unidades sanitárias.

Ordem dos Médicos cria comissão independente para aproximar médicos e governo

Com vista a criar uma ponte que permita a aproximação entre o Governo e os médicos, a Ordem dos Médicos decidiu, semana finda, criar uma comissão independente composta por algumas das personalidades mais influentes do nosso país.

Trata-se de Dom Dinis Sengulane, Brazão Mazula, Dinis Matsolo, Rodrigues Dombo, Severino Ngoenha, Jorge Ferrão, Jorge Martine e Angelina Magibire, que terão a difícil missão de levar as partes à mesa negocial e restabelecer a confiança entre o Governo e os médicos.

Numa nota divulgada esta sexta-feira, a Ordem diz estar preocupada com a actual crise nas relações entre o Governo e os médicos e decidiu intervir através de uma comissão independente e imparcial.

PUBLICIDADE



Homologação de Equipamentos (Parte 2)

1. Alguns equipamentos abrangidos pela Lei no âmbito da Homologação

- Televisões, smart TV, receptores de rádio e de televisão
- Telefones com e sem fios
- Telemóveis, smartphones e tablets
- Computadores
- Microfones sem fios, brinquedos telecomandados
- Routers sem fios
- Comandos de portão de garagem
- Receptores de GPS
- Comandos de televisão
- Consolas de jogos
- Smartwatches
- Auriculares/auscultadores sem fios
- Colunas áudios sem fios
- Drones
- Impressoras
- Walkies-talkies/intercomunicadores
- Monitores áudio para bebés

2. Como saber se certo tipo de equipamento pode ser importado e utilizado no território moçambicano?

A lista dos equipamentos e respectivos modelos já homologados pelo regulador podem ser conhecidos através do Balcão Virtual do INCM (balcaovirtual.incm.gov.mz).

3. Porquê os equipamentos de radiocomunicações e telecomunicações devem ser homologados?

De acordo com a legislação em vigor, os equipamentos de Radiocomunicações e de Telecomunicações devem obedecer a normas que visam proteger a segurança e a saúde dos consumidores, bem como evitar interferências entre equipamentos.

4. Qual é o perigo de usar equipamentos não homologados?

Com o uso de equipamentos piratas ou contrafeitos, o consumidor pode pôr em risco a própria saúde e segurança, bem como ter limitações de acesso aos serviços de telecomunicações.

REGULANDO AS COMUNICAÇÕES
RUMO À TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

Campanha eleitoral vai decorrer de 26 de Setembro a 08 de Outubro

Decorreu, de 20 de Julho a 11 de agosto do presente ano, a fase de entrega e verificação de candidaturas dos proponentes às VI Eleições Autárquicas de 11 de Outubro próximo, tendo-se recebido 22 candidaturas, dos 31 proponentes inscritos. Destacam-se para os actuais pleitos eleitorais a existência de três coligações de partidos políticos.



Continuação da pag 06

“Não concordo e nunca vou concordar com o momento que o país está a viver”



Está satisfeito com a política implementada pelo MPLA e com a governação de João Lourenço?

- Eu não posso dizer que não estou satisfeito, porque eu faço parte do partido MPLA, eu tenho que dizer que estou satisfeito. O que não concordo e nunca vou concordar é com o momento que o país está a viver. O momento desta política assumida de cortes aqui e cortes acolá, que está a prejudicar a população. O que nós temos que fazer, agora, é corrigir, unir-nos com a população, fazer com que ela tenha boas condições sociais para que o Presidente João Lourenço e o seu governo consigam governar bem. E que a outra etapa que acaba em 2027 será governar bem.

O general Bento Kangamba já ultrapassou os litígios que tinha e o impossibilitavam de ser deputado do MPLA?

- Bom, eu nunca tive litígio ou impedimento para ser deputado do MPLA. Vou falar ao senhor jornalista a verdade: eu sou um cidadão nacional e sinto-me superior ao de-

putado do partido. Porquê? Eu me lembro que o Presidente dos Santos falou comigo para ser deputado, ele me pediu. Recusei. Porque eu me sinto um *deputado natural*. Se vou às ruas, sou abraçado, sou acarinhado, crio avalanche de pessoas que me querem ver, abraçar, falar comigo.

Sinto que sou mais que o próprio deputado, que o próprio ministro. Prefiro, então, escolher o meu próprio caminho. Isso não é litígio algum. Um dos partidos da Oposição, o Casa CÊ acho, tinha proposto isso na Assembleia Nacional. Mas eu nunca aceitei ser deputado da Assembleia Nacional. Por duas vezes fui colocado na lista do Partido, como também fui convidado para ser ministro do Desporto, ministro da Acção Social e governador de uma das províncias.

As pessoas nem sabiam qual era a minha ligação com o presidente dos Santos, só pensavam que eu era Presidente do *Kabuscorp (Sport Club do Palanca)*. Mas quando me foi dado todo o poder de toda parte, não me aproveitei desse poder para prejudicar os outros, para queixar ou para minar as ideias do Presidente.

Está a assumir que há quem esteja a minar as ideias do Presidente JLo?

- Algumas pessoas, um grupo de invejosos, fazem de tudo para manchar a minha reputação e a minha carreira. Sou uma pessoa normal. Não fumo, não bebo, sou divorciado há tanto tempo. Levo a minha vida como dirigente desportivo, não estou ligado a negociatas com ninguém em Angola, minha vida é limpa como água.

Qual é a sua relação com os generais Dino e Kopelipa?

- Bom, nessa pergunta vou vos dizer o seguinte: Eu não sou falso. Não sou falso e nunca fui uma pessoa que deu voltas. A relação do Kopelipa e Dino é de família. Nós vivemos muito tempo juntos e eu nunca posso dizer na rádio ou na televisão que não sou amigo do Kopelipa. Eu tenho o Kopelipa como irmão. Agora, se o Kopelipa tiver um problema, são problemas do Kopelipa, não são meus. É claro que também me afectam de alguma forma. Mas não posso dizer

que não conheço o Dino, Não! É irmão, é família, estivemos muito tempo juntos.

Os filhos do Dino são meus filhos, os filhos do Kopelipa são meus filhos, os meus filhos são filhos deles. Isto é África. É normal, nós não podemos fugir de uma família porque ela tem um problema.

Fui ligado ao Kopelipa, fui ligado ao Dino, fui ligado a toda a gente. Continuo a vos dizer outra vez, vou repetir aqui: eu serei fiel ao José Eduardo até à minha morte. Isso sempre digo às pessoas. Não quero dizer que não sou fiel ao Presidente João Lourenço, é meu Presidente, é o meu líder, é o meu chefe, as pessoas não podem confundir as coisas. Não posso dizer agora que não conheço mais o Presidente José Eduardo.

“Muitos esperavam que eu fosse como Julius Malema... que fosse dividir o partido”

A relação que teve com José Eduardo dos Santos não afecta, de alguma forma, a relação que tem

Continua na pag 11

MISAU lança inquérito para verificar imunidade Pós-Covid19

O Ministério da Saúde (MISAU) lançou ontem o Inquérito de Avaliação da Imunidade e Cobertura Pós-Campanha de Vacinação Contra a Covid-19 em Moçambique (IMUNECOV). O acto de lançamento do IMUNECOV foi presidido pelo Vice-ministro da Saúde, Ilesh Jani e teve lugar no bairro de Chinonanquila, distrito de Boane, província de Maputo.



Continuação da pag 10

actualmente com João Lourenço?

- Não! Vocês não imaginam o que as pessoas esperavam que fizesse em Angola: uns esperavam que eu fosse Presidente de um partido; outros esperavam que eu fosse uma pessoa para estragar e gerar conflitos dentro do partido, dividir o partido; outros esperavam de mim um Kangamba como Julius Malema; outros esperavam um Kangamba como o Moisi Catumbi, outros esperavam um Kangamba doutra forma, mas não.... sou fiel aos meus. Se sou fiel aos meus, então tenho uma cultura que é minha. Nasci no bairro, andei descalço, não tinha chinelos naquele tempo, andei com calça rota, então tem que respeitar o meu chefe, eu respeito o Presidente João Lourenço como chefe.

Não tenho João Lourenço como amigo e eu também não quero que o Presidente João Lourenço me veja como amigo dele. Para mim, o Presidente João Lourenço tem que me ver como um militante do partido, como um trabalhador, como uma pessoa com quem ele pode contar para solucionar qualquer problema no partido. Estou aí, a minha relação é de chefe e subordinado.

Curiosamente, notamos uma certa ausência nalgumas cerimónias muito grandes no campo político. Isto tem a ver com a relação que tem com João Lourenço actualmente ou nem por isso?

- Não. Eu não apareço nas cerimónias, mesmo nas cerimónias do Presidente José Eduardo dos Santos. Geralmente, eu só aparecia nas festas de família. Eu não sou uma pessoa de aparecer assim nas cerimónias de casamento, daqui ou dali. Até faço cumprimentos de fim do Ano de vez em quando, mas há vezes em que quando acontece isso estou fora de Angola.

“Sou empresário no ramo dos diamantes há quase 35 anos”

O general Bento Kangamba é conhecido como um filantropo no desporto e na cultura. Qual é a proveniência da sua riqueza?

- (Gargalhadas) Eu pensei que vocês não iam perguntar isso. É normal as pessoas perguntarem a riqueza do Bento Kangamba. Eu já vi nas redes sociais, porque eu tenho, na família, sobrinhos jovens que acedem às redes sociais e ainda me perguntam: Ó, tio, ouvimos dizer que o tio fez



feitiço, matou fulano, tem cobra que nasce dinheiro... Não! Eu sou empresário no ramo dos diamantes há quase 35 anos. Você é jornalista investigativo, pode pesquisar.

De 2010 até 2016, a minha empresa foi uma das melhores empresas na comercialização de diamantes em Angola e no estrangeiro. Claro, a minha riqueza não vejo como o dinheiro. A minha riqueza é o meu coração, eu tenho que vos dizer o seguinte: eu prefiro ter 2000 USD e entregar aos outros, porque eu não consigo ficar com os 2000 USD ou qualquer tipo de valor no bolso, quando vejo uma pessoa que está a sofrer.

Não quero, um dia, morrer e as pessoas dizerem “é pá! o fulano morreu rico”. Não me interessa morrer rico. Interessa ter dinheiro e apoiar quem precisa e quem merece. Vou te contar um episódio: em 2000, houve uma greve dos professores, médicos e enfermeiros, a primeira greve em Angola, e o Presidente JES olha para o ministro das finanças, e eles não tinham dinheiro para cobrir esse tipo de situação. O que havia? A própria Sonangol precisava do pôr, em impostos, dinheiro no orçamento do Estado para pagar aos professores e à saúde. E eu olhei para o Presidente JES e disse: “Presidente, eu tenho dinheiro, posso resolver esse problema”. O Presidente olhou para mim e perguntou “você tem esse dinheiro?”. E eu respondi “sim, tenho”. Ele replica “como você tem dinheiro?” O Presidente precisava, naquele momento, de nove milhões de dólares e eu tinha 50 milhões de dólares.

E eu mostrei ao Presidente, que, olha, eu tenho esse dinheiro aqui! E faço este negócio. “Ahhhh!! Está

bem. Então pode apoiar!”, e eu respondi sim, e Sr. Jornalista, recordo-me que foi num dia como hoje, e eu apoiei. O Presidente mandou pôr o dinheiro na conta do Estado, eu pus o dinheiro na conta do Estado, as finanças fizeram o pagamento da saúde e educação sem o próprio povo se aperceber de onde vinha o dinheiro.

As pessoas só foram se perceber mais tarde, mas não apareci na televisão, porque eu tenho um sentimento que a saúde não pode ter problemas senão o país fica parado e as pessoas morrem. A educação não pode parar porque as pessoas retrocedem e se prejudicam. E quando estou a ajudar a educação, estou a ajudar o país. Não estou a dar o dinheiro porque está lá a filha da minha irmã, tenho que pagar para ela estudar. Eu continuo a fazer e me sinto bem.

“Nós, em África, pensamos que quem faz greve é da oposição”

Que experiência pode passar para Moçambique. Actualmente, há vários cenários de greve: os professores estão, infelizmente, numa greve silenciosa e os médicos já estão a prorrogar a sua manifestação. Que mensagem pode passar para o governo moçambicano neste “ping-pong” de greves e posicionamento do governo que é muito agressivo para os manifestantes?

- É diálogo! Nessas situações de greve é preciso haver diálogo. As pessoas, aqueles que governam, têm que ter calma para interpretar bem por que é que há greve. Nós, em África, pensamos que quem faz greve é da oposição.

Não, às vezes também é nosso mesmo por ele querer ter uma vida que merece. Nos anos 75, 74, 78 todo mundo no MPLA esperava um partido, um país melhor para toda a vida. Aqueles Antigos Combatentes, por exemplo, esperavam outro desenvolvimento no país. Mas quando um deputado, um antigo combatente, recebe 25.000 Kwanzas, significa que passará por muitas dificuldades na família, na saúde, na vida social. É por isso que nós temos estado a aconselhar sempre o partido para o debate, para a abertura, para que haja um bom pensamento de forma a que para os que combateram esses anos todos haja outra forma de pagamento. Só o salário não vai dar. Mas é preciso procurar projectos que lhes possibilite uma boa vida, boas condições de vida a esses antigos combatentes.

O General já foi referido numa alegada apreensão de dinheiro na França. Pode explicar o que aconteceu?

- É claro, nós temos funcionários. Eu nunca fui preso com dinheiro na França, acho que um funcionário meu ia pagar a uma imobiliária na França e andou com valores em mão. E depois lhe foram apreendidos dois milhões de Euros. Isso não é crime. Ele pagou imposto e certificou a origem de dinheiro.

Eu sou o Angolano com mais processos movidos no estrangeiro. Naquele tempo não eram processos do Kopelipa e do Manuel Vicente, não eram do Bento Kangamba. A visão toda era no Bento Kangamba naquele tempo. Porquê? Tive processo na França, tive processo em Portugal, tive o processo no Brasil, onde acusavam-me de importar mulheres bonitas para ficar com elas, dar festa não sei o quê... tudo mentira. Porquê? Porque naquele tempo as pessoas queriam manchar a imagem do Bento Kangamba.

Agora, acredite, no dia que tiver dinheiro, o dinheiro é seu e podes andar com o seu dinheiro. Se o dinheiro é meu posso estar aqui com 10.000 USD, 20.000 USD. Não posso esconder que não tenho dinheiro. Eu sempre andei com dinheiro. Mas nesses processos todos, graças a Deus, eu ganhei, fiquei limpo. Fiquei ileso, nunca tive problema nenhum fora do país, aliás, vocês vêem, estou a viajar agora para vir atender à vossa entrevista. Saí de Singapura, fui a Dubai, estive no leilão de diamantes, e claro, hoje estou aqui com você.

Corrupção é uma das principais fragilidades da INAE

A INAE, em conferência de imprensa nesta segunda-feira, em celebração do seu 14º aniversário, destacou a forte existência da corrupção entre os seus funcionários que deviam fiscalizar e sancionar irregularidades nas instituições económicas. O porta-voz da instituição, Tomás Timba, disse ainda que a INAE passará a ser a Autoridade Nacional de Actividade Económica, visando ter maior autonomia na sua actuação.



Terroristas reivindicam ataque que matou sete militares em Macomia

Foi através de um comunicado publicado na última sexta-feira nas plataformas digitais que o grupo terrorista reivindicou a autoria de mais um ataque a uma posição militar na floresta de Katupa, no distrito de Macomia, na província de Cabo Delgado. Os terroristas dizem ter assassinado sete militares e ferido 10, totalizando 17 homens fora do combate.



São flexíveis para cobrar dinheiro, mas não pagam em caso de sinistros

Quem trava a desumanidade das máquinas de fazer dinheiro chamadas seguradoras

**Seguradoras violam contratos sob olhar impávido do Instituto de Supervisão de Seguros
Na hora de pagar pelos danos há ping-pong entre seguradoras e corretoras
Imperial Seguros chegou ao deslante de dar cheque sem fundos a seu cliente**

Depois de mais de 10 anos pagando seguros, Yolanda Manhique vive uma das fases mais desafiantes da sua vida. Um acidente de viação deixou-a tetraplégica (sem movimentos ou movimentos condicionados do pescoço para baixo) e para além de ter visto de perto a morte, hoje vive amargurada não só pela dor de não se poder locomover sem depender de outrem, mas também porque a seguradora, que anualmente suga do seu dinheiro, recusa-se a assumir responsabilidade de pelo menos pagar pelo seu tratamento. O caso de Yolanda é apenas uma gota no oceano e um exemplo da desonestidade e desumanidade com que as seguradoras e corretoras de seguros tratam os seus clientes quando chega o momento de pagar as apólices de seguros. Os relatos são vários, envolvendo quase todas as seguradoras, tal como ilustram os relatos colhidos pelo Evidências, o que muda é o grau de crueldade daquelas que em pouco tempo se tornaram autênticas máquinas de fazer dinheiro. Todos os casos acontecem sob olhar impune do Instituto de Supervisão e Seguros de Moçambique, que quando contactado pela nossa reportagem disse que prefere sempre uma abordagem reconciliadora entre as partes.

Teresa Simango

O sector de seguros registou um aumento estável no volume de produção entre 2016 e 2021, passando de 621 para 877, num mercado composto, actualmente, por 18 operadoras de seguros, uma resseguradora, três micro-seguradoras, sete entidades gestoras de fundos de pensões complementares, 131 mediadores de seguros, entre outros.

No mesmo período, o volume de produção do sector registou um crescimento notável, passando de 10.6 mil milhões de meticais para 20.2 mil milhões de meticais. No entanto, apesar do aparente crescimento, o sector inquieta sobremaneira os moçambicanos devido ao comportamento das seguradoras.

Mariana Félix é o espelho da desilusão da actuação da Austral Seguros. Félix, mãe de seis filhos, perdeu o marido vítima de acidente de trabalho, mas até hoje ainda não recebeu, da seguradora, o valor que foi estipulado pelo Tribunal.

“O meu marido era electricista e trabalhou por mais de 10 anos, antes de sofrer o acidente de trabalho, no dia 08 de Maio de 2021, que acabou por lhe tirar a vida. A empresa dele se responsabilizou por todos os gastos, incluindo as

cerimónias fúnebres, enquanto aguardávamos que o tribunal decidisse qual deveria ser o valor da indemnização. No dia 24 de Janeiro de 2022, o tribunal ditou a sentença e ficou decidido o valor da indemnização. Depois disso, a empresa deixou de nos apoiar e passou a responsabilidade para a seguradora Austral Seguros”, declarou.

No entanto, a Austral Seguros decidiu contrariar a decisão do Tribunal, ou seja, ao invés de pagar a indemnização de uma só vez, prontificou-se a pagar em prestações.

“Em Maio de 2022, ligaram para mim e pediram que eu fosse buscar o valor da indemnização. Quando cheguei lá eles disseram que iriam pagar 36 mil meticais em prestações de três em três meses, contrariando a decisão do tribunal, que decidiu que o valor fosse pago de uma única vez. Voltamos à seguradora três meses depois para levantar a outra parte do valor, mas começaram a contar estórias. Percebi que a Austral Seguros não queria honrar com os seus compromissos e decidi levar o caso para a justiça. O Tribunal decidiu pela penhora dos bens da seguradora”, lamentou.

Mariana Félix contou que de lá a esta parte ainda não viu o seu problema resolvido,

sendo que o tribunal, por sua vez, garante que os bens já foram penhorados, mas o caso continua sem desfecho, passando três anos.

Impar (Fidelidade) e Imperial engrossam a lista das seguradoras incumpridoras

Quem também está de costas voltadas com as seguradoras é Yolanda Manhique, que ficou tetraplégica na sequência de um acidente de viação ocorrido em 2020, tendo solicitado a seguradora (Impar, agora Fidelidade Ímpar em resultado da fusão das duas seguradoras) o seguro para o seu tratamento, mas, de balde, recebeu a informação de que não podia beneficiar do mesmo porque a sua lesão estava abaixo dos 75% estabelecidos para o pagamento de apólice.

“Aderi ao seguro no âmbito da abertura da conta bancária, após o acidente dirigi-me ao banco para saber de que forma poderia ter acesso ao valor do seguro. Explicaram que tinha direito a apólice de seguro por estar incapacitada e que deveria escrever um documento a pedir a reposição dos valores gastos com a medicação. Foi aí que as dificuldades iniciaram”, relata.

A vítima do cartel impune



das seguradoras conta que a sua seguradora, mesmo ela estando naquela situação, nunca deixou de cobrar o seguro, chegou a pedir vários documentos, dentre eles o relatório da medicina legal para perceber o grau da lesão.

“Gastei dinheiro do meu bolso para tratar os documentos. Depois de tantos exames, recebi a informação de que a minha lesão

era de 45% e não podia beneficiar do seguro, mas se esqueceram que depois do acidente fiz fisioterapia”, disse.

A fonte chega mesmo a desconfiar a existência de alguma cumplicidade entre a seguradora e a medicina legal para falsear laudos, pois aquela informação médica foi determinante para a operadora ser ilibada das suas responsabilidades,

Seguradora Imperial passa cheque sem fundos a seu cliente

Por sua vez, António Saíde, residente em Inhambane e usuário do seguro de Responsabilidade Civil Automóvel, num belo dia, na tentativa de escapar de um acidente de viação, foi embater num poste, tendo prontamente solicitado a Imperial Seguros para a reparação dos danos da sua viatura, porém não teve resposta satisfatória desde 2020 a esta parte.

“Após o acidente, segui todos os procedimentos estabelecidos no

contrato para que o meu processo fosse tramitado e até agora não tive nenhuma resposta para reparação da minha viatura. Depois de esperar muito sem resposta, optei por alugar uma viatura enquanto aguardava pela resposta da companhia de seguros e com meios próprios decidi levar o meu carro para certas oficinas, onde tive várias cotações, em Inhambane, e outras que mandei vir de Maputo. Encaminhei para a corretora na perspectiva de

de tal forma que mesmo a vítima tendo ficado tetraplégica, a Impar prontificou-se somente a custear as despesas de transporte.

“O dinheiro oferecido pela seguradora não seria suficiente para cobrir o desgaste emocional adquirido durante os anos que sofri ao tratar este processo. O que eu realmente queria era o pedido de desculpas por parte da segura-

dora pelos transtornos causados durante a tramitação do processo. Eles não valorizam os clientes, só valorizam os clientes quando querem recrutar para vender os seus serviços, na hora de prestar a responsabilidade não tratam as pessoas como humanos, para eles nos darem dinheiro é um processo muito moroso, que até chega a doer”, desabafou.

que eles poderiam negociar directamente com as oficinas e solucionar o meu problema, mas não tive nenhum desfecho”, denuncia.

Depois de muitas tentativas, Saíde recebeu dois cheques de 10 mil meticais, mas quando foi ao banco descobriu que o mesmo não tinha fundos, tendo decidido levar o caso para a justiça.

“A procuradoria contactou o proprietário da corretora Amal Corretores de Seguros e um dos

“No princípio deste ano, a corretora, de tanto ser pressionada pela PGR e SERNIC, acabou se comprometendo a pagar um valor de 5000 meticais para arcar com os danos da minha viatura, mas só recebi 4000 meticais, que foram canalizados em duas prestações, e sequer cobrem os danos na viatura e os prejuízos decorrentes do processo”, sustenta.

Corretora diz ter pago 200 mil, mas só recebeu dois cheques sem cobertura

Contactada pelo Evidências para dar a sua versão dos factos, a Amal Corretores de Seguros assumiu que está em dívida com António Saíde e que já pagou cerca de 200 mil meticais.

É que existe um ping-pong entre a seguradora e a corretora. A Imperial Seguros exime-se de qualquer responsabilidade, pese embora o pagamento da apólice de seguros seja da responsabilidade da companhia de seguros e não da corretora de seguros.

“É um assunto que está, de facto, a correr desde a altura da Covid-19, de tanto a seguradora demorar ressarcir os danos do cliente, nós fomos obrigados a pagar 200 mil meticais, dos 230 mil meticais orçados para a reparação da viatura, dentro das nossas condições, para manter a boa imagem da corretora. Pagamos este valor no sentido da seguradora nos reaver, só que com o entrada da Covid-19 tivemos alguns problemas para concluir os 30 mil meticais, os clientes já não estavam a fluir, não conseguimos ter clientes para satisfazer a demanda deste cliente”, refere.

Embora a corretora diga que pagou 200 mil meticais pela reparação da viatura, Saíde diz desconhecer este valor. Jura de pés juntos que só recebeu dois cheques sem cober-

tura, de 10 mil meticais, entretanto devolvidos pelo banco e muito recentemente recebeu duas prestações de 2000 meticais, perfazendo 4000 meticais.

“Este assunto está, neste momento, no Instituto de Supervisão de Seguros porque não é nossa tarefa pagar, enquanto encaminhamos o valor para a seguradora. A seguradora paga-nos apenas comissão, que serve para o nosso uso”, reclamou a fonte.

ISSM diz que faz monitoria permanente e age quando há recusa ou morosidade

Contactado pelo Evidências, o ISSM, IP diz que em casos de incumprimento das cláusulas estabelecidas no contrato de seguros por ambas as partes, há um procedimento estabelecido no quadro da regularização amigável de sinistros, fixando os direitos e deveres de cada uma das partes da

obtenção de uma solução negociada do assunto”, esclarece.

Segundo esclarece a nota recebida na nossa redação em resposta ao nosso pedido de informação, esta aproximação consiste na notificação feita pelo ISSM, IP à seguradora, para prestar os devidos esclarecimentos, num prazo para o efeito afixado (normalmente 08 dias).

“Perante os esclarecimentos prestados pela seguradora, quando não satisfaçam a prestação do seguro, o ISSM, IP convoca as partes para um diálogo. Na impossibilidade de se alcançar consenso, a parte lesada, querendo, pode submeter o assunto ao foro judicial. O ISSM, IP tem feito monitoria permanente durante o ano, através da fiscalização off site, e trimestralmente fiscalização on site”, assegura.

Quando uma entidade habilitada ao exercício da actividade seguradora, resseguradora

relação contratual de seguro, designadamente o seguro e seguradora.

“A intervenção do ISSM, IP verifica-se quando há deontamento entre as partes, seja por recusa ou morosidade no pagamento da indemnização, bem como por pagamento de valor inferior ao contratualmente esperado. Neste caso, o papel do ISSM, IP é aproximar as referidas partes, com vista a

obtenção de uma solução negociada do assunto”, esclarece.

Segundo esclarece a nota recebida na nossa redação em resposta ao nosso pedido de informação, esta aproximação consiste na notificação feita pelo ISSM, IP à seguradora, para prestar os devidos esclarecimentos, num prazo para o efeito afixado (normalmente 08 dias).

“Perante os esclarecimentos prestados pela seguradora, quando não satisfaçam a prestação do seguro, o ISSM, IP convoca as partes para um diálogo. Na impossibilidade de se alcançar consenso, a parte lesada, querendo, pode submeter o assunto ao foro judicial. O ISSM, IP tem feito monitoria permanente durante o ano, através da fiscalização off site, e trimestralmente fiscalização on site”, assegura.

Quando uma entidade habilitada ao exercício da actividade seguradora, resseguradora



IMPERIAL
SEGUROS

ou micro-seguro não apresente nos termos do RJS e demais legislação aplicável garantias suficientes, a entidade de supervisão, tendo em vista a proteção dos interesses dos segurados e beneficiários, bem como a salvaguarda das condições normais do desenvolvimento da sua actividade, o ISSM recomenda ao ministro a revogação da autorização para o exercício da respectiva actividade.

Inflação média anual em Moçambique caiu para 5,67% em Julho

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a inflação em Moçambique voltou a reduzir-se em Julho, para 5,67%. A redução acontece pelo quarto mês consecutivo, devido fundamentalmente à maior oferta de frutas e vegetais, e igualmente “ao comportamento favorável dos preços dos combustíveis em relação ao ano anterior”, refere o INE.



DStv destacada como uma das melhores marcas de media de África

ADStv, uma das marcas da MultiChoice, continua a destacar-se como uma potência ímpar dos meios de comunicação social em África, assegurando a sua posição como a “Marca de Media Mais Admirada” no continente. O anúncio foi feito mês passado, resultado de um inquérito que classifica as melhores 100 marcas de media do continente africano.

Denominado “Brand Africa 100: Africa's Best Brands”, a auscultação independente reconhece as marcas preferidas pelos consumidores africanos em todo o continente. O inquérito também classificou a DStv como a quarta “Marca de Orgulho Africana”, para além de a ter colocado em 40º. lugar na lista das

100 marcas mais admiradas em África.

No ano passado, como prova do seu poderio na comunicação social, a DStv produziu mais de seis mil horas de conteúdos locais, cativando e informando mais de 21 milhões de clientes em 50 países e em 40 línguas. O alcance sem paralelo da marca tocou



a vida de mais de 100 milhões de pessoas todos os dias, reafirmando o seu estatuto de principal fornecedor de entretenimento na região.

Além disso, a classificação

como a Marca de Media mais Admirada em África reafirmou o domínio da DStv no panorama dos media em África, ultrapassando gigantes globais como a BBC, a CNN,

a Al Jazeera, o Facebook, a Netflix, o YouTube, entre outros.

Agnelo Laice, director geral da MultiChoice Moçambique expressou a sua gratidão aos clientes, afirmando que “sentimo-nos humildes e honrados pelo apoio inabalável dos nossos clientes, que nos permitiu manter a nossa posição como a Marca de Media mais Admirada de África.”

O “Brand Africa 100: Africa's Best Brands” é um dos inquéritos mais abrangentes sobre marcas em África, com um histórico de 32 países e regiões económicas a participarem na investigação.

Fundação Graça Machel Trust e Ernst and Young trazem “Be Like a Woman” a Moçambique

Trata-se, essencialmente, de uma iniciativa que pretende construir um mundo de negócios melhor e mais inclusivo, dotando de novas ferramentas às mulheres que ocupam posições de liderança intermédia ou empreendedoras de média dimensão, em diferentes áreas de actividade.



O objectivo passa por assegurar que as mulheres estejam, cada vez mais, preparadas para integrar o mundo corporativo, bem como garantir que a sua relevância e o seu papel sejam reconhecidos nessa esfera.

O primeiro ciclo do programa iniciou em Julho e vai decorrer até Novembro deste ano. As participantes terão acesso a masterclasses sobre liderança e gestão de negócios, com especialistas espalhados pelo mundo; mentoria de mulheres e homens do mundo corporativo em posições de topo; acesso à rede da EY Women Network, presente em mais de 150 países; e à rede Graça Machel Trust

através da New Faces New Voices, presente em cerca de 20 países africanos.

Durante o programa, as participantes deverão fomentar iniciativas que possam garantir que outras mulheres e homens possam estar envolvidos e, juntos, ajudem a consolidar projectos de transformação social liderados por si. Para tal, serão assistidas pelos mentores e pela equipa do “Be Like a Woman”, de forma que inspirem e consciencializem outras mulheres e a sociedade, no geral, a valorizar o trabalho feminino.

Henriqueta Hunguana, representante da NFNV Moçambique, afirmou que “lutar pelo

aumento do número, visibilidade e impacto da liderança feminina no sector financeiro sempre foi um dos objectivos da NFNV Moçambique, concretizado através de programas como o ‘Mozambique Young Women in Leadership’ (MYWIL) direccionado para jovens líderes no sector financeiro. A parceria com a EY para o “Be Like a Woman” trará algo inovador, uma vez que olharemos também para as características inerentes da mulher como um factor diferenciador para o alcance da transformação social que tanto almejamos”, realçou.

Glayds Gande, EY consulting senior manager e mentora desta iniciativa, entende que “o objectivo deste programa é o de garantir que mulheres das mais variadas áreas sejam capacitadas e apoiem também na formação de outras mulheres e homens, gerando assim um impacto multiplicador de transformação social e de melhoria do ambiente de negócios”.

O programa dá ainda acesso a eventos exclusivos e a uma rede de mulheres e homens em posições seniores na gestão e governação de diversas corporações. As participantes habilitam-se também a prémios e formações específicas para elevarem os seus projectos profissionais para o próximo nível.

Quatro destinos da LAM com bilhetes mais acessíveis

ALAM – Linhas Aéreas de Moçambique disponibiliza desde sábado último, 12 de Agosto de 2023, bilhetes mais acessíveis nos destinos de/e para Maputo, Beira, Vilankulo e Joanesburgo (África do Sul).



Os novos preços são extensivos aos cinco primeiros passageiros de cada voo que adquirirem as passagens para as rotas a seguir indicadas: Maputo/Joanesburgo (6.650,00MZN), Joanesburgo / Maputo (1.300,00ZAR), Beira/Joanesburgo (4.765,00MZN), Joanesburgo/Beira (1.516,43ZAR).

Para Vilankulo/Joanesburgo (8.510,00MZN) e Joanesburgo/Vilankulo (2.495,43ZAR) abrangem os dez (10) primeiros passageiros de cada voo.

No caso de as tarifas esgotarem, os clientes deverão verificar noutros voos, dos dias subsequentes, na mesma rota. A maior disponibilidade dos bilhetes ocorre nas compras via online, através do site www.lam.co.mz

Com o objectivo de incentivar os passageiros nacionais a usarem a nossa companhia de bandeira, a LAM tem estado a proporcionar preços cada vez mais atractivos.

Paralelamente à disponibilização de preços mais acessíveis, a LAM procedeu ao ajuste dos voos na rota Maputo/Joanesburgo/Maputo, tendo introduzido uma nova frequência às sextas-feiras, com partida do voo em Maputo às 21:00 horas.

Ainda no contexto desta optimização de serviços, a companhia aérea prescindiu do voo matinal na rota em referência, aos sábados, mantendo os outros dois voos do mesmo dia, que partem de Maputo às 11:25 horas e 17:35 horas.

Economia do país cresceu 4,67% no segundo trimestre

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), a economia moçambicana registou um crescimento de 4,67% no segundo trimestre, que aponta o sector primário como o grande impulsionador deste registo. O ramo da Indústria extractiva mineira teve uma variação de 42,71%, seguido pela Agricultura, Pecuária e Exploração Florestal com cerca de 3,11% e o terciário, com uma variação de 4,24%.



Moçambique continua um país pouco confiável para emprestar dinheiro

Fitch mantém rating do país perto do nível de incumprimento

Na mesma semana em que o Governo reconheceu ter atingido o limite de endividamento interno, não podendo por isso contrair mais dívidas através de bilhetes de tesouro, a agência de notação financeira Fitch decidiu manter o rating do país em CCC+ e deixou de avaliar as emissões soberanas em moeda local devido à "ausência de informação credível".

A agência de notação financeira Fitch decidiu manter o rating de Moçambique em CCC+, tendo deixado de avaliar as emissões soberanas em moeda local devido à "ausência de informação credível" sobre atrasos nos pagamentos, numa altura em que o Conselho de Ministros acaba de anunciar exaustão.

"A retirada do rating sobre as emissões em moeda local de Moçambique reflete a ausência de informação credível sobre a resolução atempada dos pagamentos atrasados de títulos de dívida doméstica", lê-se na nota que acompanha a decisão de manter a opinião da qualidade do crédito soberano em CCC+, três níveis acima do nível de incumprimento financeiro (*default*), divulgada na sexta-feira à noite.

"A Fitch considera que os pequenos atrasos nos pagamentos dos cupões em títulos de dívida interna, emitidos em moeda local, têm sido uma característica estrutural do mercado de dívida moçambicano nos últimos anos", lê-se ainda na nota, que acrescenta: "Consideramos que todos os pagamentos foram feitos, apesar de com um atraso de até nove dias, mas não temos informação credível para monitorizar o calendário dos pagamentos dos cupões".

Entre janeiro e maio deste ano, além de atrasos nos pagamentos das prestações da dívida, Moçambique, atrasou-se também nos pagamentos da totalidade dos montantes, "refletindo as pressões financeiras originadas pelo ciclone Freddy e pela ultrapassagem da des-



pesa prevista com salários da função pública, bem como devido a deficiências significativas na gestão orçamental", conclui a Fitch, seguindo as pisadas da Standard & Poor's, que já em julho tinha descido o rating das emissões internas devido a debilidades no sistema de pagamento da dívida de Moçambique.

A manutenção do rating de Moçambique em CCC+, o terceiro acima do Incumprimento financeiro, mas ainda abaixo

da linha de recomendação de investimento, para as emissões de dívida feita nos mercados internacionais, equilibra um substancial risco de crédito com um forte crescimento económico previsto para os próximos anos, no seguimento dos avultados investimentos que têm sido feitos no setor do gás natural.

"Apesar dos elevados níveis de dívida pública, persistentes défices orçamentais, fraca gestão das finanças públicas,

baixo PIB *per capita*, fracos indicadores de governação económica e de uma desafiante situação de segurança, o acordo com o FMI, no valor de 456 milhões de dólares [cerca de 416 milhões de euros], em 2022, dá um impulso positivo ao desenvolvimento do setor de gás natural liquefeito, e as medidas para lidar com a derapagem orçamental de 2022 dão algum conforto à opinião sobre a qualidade do crédito" soberano de Moçambique, diz a Fitch.

Os analistas desta agência de notação financeira esperam um crescimento de 6,4% este ano e uma média de 4,9% em 2024 e 2025, melhorando face aos 4,2% registados no ano passado.

"As previsões refletem principalmente o aumento da produção no setor extrativo, com a plataforma flutuante da Eni a aumentar a produção em 70 a 90% em 2023 e 2024", segundo a Fitch, que aponta para o regresso da francesa TotalEnergies a Cabo Delgado no primeiro trimestre do próximo ano.

Prejuízo causado pelas cheias à açucareira da Maragra calculado em mais de 3.6 mil milhões de meticais

Açucareira da Maragra, na província de Maputo, perdeu cerca de 3.6 mil milhões de meticais por conta das chuvas que devastaram os campos de produção de cana e respectivos equipamentos no início deste ano, deixando aquele que era um dos motores da economia do distrito da Manhica e da província de Maputo, em geral, parcialmente inoperacional e com futuro incerto.

De acordo com o director-geral da empresa, Filipe Raposo, citado pelo Jornal Notícias, nos campos foram perdidos cerca de 470 mil toneladas de cana, representando 1.6 mil milhões de meticais.

Para além da perda de cana da empresa e de fornecedores particulares, a Maragra viu parte dos seus equipamentos submersos e danificados, para além de alguns que foram

vandalizados por pessoas de má fé, segundo apurou o Evidências de fontes oculares.

As perdas, de acordo com Filipe Raposo, afectaram gravemente a sustentabilidade da empresa, razão pela qual, em Abril, previa a interrupção da laboração e redução do número de trabalhadores.

Embora a interrupção não tenha ocorrido, a empresa não conseguiu manter o número de colaboradores que

tinha no princípio do ano. Assim, dos cerca de 500 trabalhadores então vinculados à açucareira, baixou-se para perto de 140 actualmente, para garantirem serviços mínimos.

De acordo com avaliações feitas, seriam necessários, pelo menos, entre um a dois anos para a empresa reerguer-se, podendo beneficiar de investimento. Ademais, existem vários sistemas como irrigação e drenagem que não foram repostos, assim como equipamentos que necessitam de reparação. Para além disso, alguns campos continuam quase inacessíveis.

Estes dados são avançados num contexto em que os danos ainda se mostram visíveis, impedindo que a em-



presa possa projectar a nova campanha de produção. A Maragra Açúcar, SA situa-se no distrito da Manhica, a 80 quilómetros a norte da província de Maputo, produzindo, anualmente, 80 mil toneladas de açúcar, fruto de mais de 460 mil toneladas de cana,

também cultivadas em suas propriedades.

É detida em 99 por cento pela Illovo, um grupo sul-africano presente em seis países da África Austral, e um por cento por um outro investidor. **Jornal Notícias/Evidências**



SAL & PIMENTA

Afonso Almeida Brandão

Só o povo pode decidir a continuidade da frelimo «no poleiro»...

O porco é um animal que sempre me fascinou. Anatomicamente é o animal mais parecido com o homem, o que faz dele um dos bichos mais estudados pela medicina e outras ciências para percebermos o funcionamento do nosso corpo, algumas maleitas e respectivas curas.

Depois, os porcos não são esquisitos: são capazes de comer literalmente tudo, o que é bom para os criadores que não têm que lhes dar “ticket restaurant” — que no caso de Moçambique são “modernices” que ainda não chegaram! — para

mais em que o preto tem mais valor que o branco. No reino animal, o urso polar, o elefante, a vaca, o lobo e outros quantos albinos, ascendem ao estatuto de deuses. Nos porcos é ao contrário: o preto é rei, mais caro, mais cobiçado e mais saboroso...

É, igualmente, dos Animais mais dados a comparações com os Humanos. Parece um porco, “suas quem nem um porco, comes como um porco”, chafurdas na lama ou a tua casa parece uma pocilga, são epítetos comuns na nossa linguagem.

Há, ainda, a questão do orgasmo. Cons-

e derrubar o regime de Fidel Castro. A **Invasão da Baía dos Porcos** durou três dias e as tropas paramilitares treinadas pela **CIA** renderam-se às forças armadas cubanas, treinadas e municiadas pelo Bloco de Leste. Fidel qualificou a tentativa frustrada como a “Vitória sobre o Imperialismo Americano”.

No plano literário, George Orwell, em pleno ocaso da Segunda Guerra Mundial, relata o sonho que o Velho Major, o **porco** mais respeitado da Quinta de Jones, em detrimento dos restantes animais que, chegada a hora da sua morte, compreendera o sentido da Vida e que os animais devem a sua miserável existência à Tirania dos Homens, preguiçosos e incompetentes, que usufruem do seu trabalho e os exploram, incitando à revolta. O Major morre, mas a revolução continua triunfando sobre os Humanos e pressupondo uma Nova Ordem em que os animais seriam todos iguais.

Acabando o período de harmonia e vivência utópica, surgem as quezílias, intrigas e disputas, o que implica uma adenda ao princípio, que passa a postular “mas alguns animais são mais iguais que outros”.

Em suma: o romance é uma alegoria sobre a ascensão de Estaline ao Poder e a conseqüente inversão dos ideais revolucionários, mas também uma Fábula sobre a Queda Moral dos Regimes e a Falência dos Modelos Teóricos de Governação face ao confronto com a Realidade e a inata e inevitável avidez Humana.

De certa maneira vemos algumas comparências com o que se passa com a **FRELIMO** e a sua (des)Governação **que veio para ficar, como o Toyota...**

Até quando é que ninguém consegue assegurar. Só o Povo Moçambicano, o Cidadão Comum e Anónimo, com o seu **Voto Útil e Secreto**, à Boca das Urnas, poderá decidir a continuidade (ou não!) deste Partido no Poder desde 1975...

Basta de **FRELIMO!** Já cheiram a naltalina fora de prazo...



O que andam este «Políticos de Aviário» a fazer, em prol do País, a não ser ganhar Bons Vencimentos e a Passearem em Bons Automóveis, a começar pelo Presidente da República?!... É um “farrabadó” nunca visto!...

evitar as **coimas** do Organismo que Tutela a Alimentação e a Higiene no nosso País e de tudo aquilo que comemos —, como também, segundo os filmes de **Hollywood**, para quem se queira livrar do corpo do cônjuge e não ser apanhado pela polícia forense.

Há, igualmente, uma questão económica de monta, a do custo benefício. Para além de não ser um animal especialmente caro de adquirir e manter, no fim do seu ciclo de vida, tudo se aproveita, das orelhas aos pezinhos, passando pelos tão afamados enchidos. O porco representa também uma louvável e democrática inversão dos valores tradicionais. É dos poucos ani-

ta que o orgasmo de um porco dura trinta minutos, o que é motivo de profunda inveja a qualquer ganhão que se preze. Tive que confirmar se se tratava de um Mito ou se a coisa era mesmo assim. Ao que parece não é e, citando um dos estudos, “**pode-se confirmar que não dura mais que alguns minutos**”, como se a contagem orgásmica masculina se fizesse em minutos e não em segundos. Ao autor do estudo um grande “**Ah! Leão!, És aquela Máquina!**” pelas “**performances**” que considera normais...

Histórica e Politicamente, em **Abril de 1961**, os Estados Unidos da América tentaram invadir a Costa Sudoeste de Cuba



A esquina do sociólogo

Luca Bussotti

Sobre a inutilidade da educação em Moçambique

O último inquérito sobre orçamento familiar (IOF) traz muitos dados interessantes. O mais revelador, na minha opinião, tem a ver com a educação. Paulo Freire dizia que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Uma frase que expressa um conceito fundamental: a educação não é suficiente para transformar a sociedade, mas sem ela a sociedade não poderá sofrer nenhum tipo de alteração.

Nesta frase é possível destacar alguns conceitos. Por exemplo, que a sociedade tem de mudar, para se tornar melhor e, como defendia o filósofo estoico Epicteto, só ela é que liberta a humanidade. O segundo conceito da frase de Paulo Freire é de que a educação representa um dos elementos fundamentais para que tal mudança aconteça. De forma um pouco extensiva, podemos dizer que a educação poderá garantir àquela população que se empenhar nos estudos uma mudança de atitude, mentalidade, abordagem para com a própria vida, até maior possibilidades de sucesso.

Os dados do inquérito ora publicado revelam uma realidade diferente em Moçambique; a questão, portanto, é porque uma boa parte dos moçambicanos (cerca de 3 milhões de indivíduos entre 5 a 24 anos) não frequenta qualquer instituição de ensino.

Podem ser formuladas duas hipóteses: a primeira é de que a sociedade moçambicana não precisa de passar por mudanças. Em termos de estrutura social, ela seria perfeita, ou quase. A outra hipótese é de que esta mesma sociedade precisa sim de transformações, mas para realizar as quais a educação já não seria o veículo principal.

A primeira hipótese resulta ser meramente académica. Com uma sociedade profundamente desigual, e um coeficiente de Gini de 0,54 (um dos mais altos do mundo), é impossível que as pessoas não pautem para uma melhoria das suas condições de vida. Entretanto, a segunda hipótese poderá ser a mais verossímil. Isto significa que a educação já não está sendo considerada como o meio principal para a ascensão social.

Com efeito, os dados do inquérito parecem confirmar esta hipótese: cerca de 30% dos que responderam não estar a frequentar nenhum estabelecimento escolar confessaram que tal opção deve ser motivada pela falta de interesse. Outro 20% apontou que os estudos são demasiado caros para seus bolsos, ou para os bolsos de seus pais. Pode-se concluir que cerca de 50% desta população decidiu não investir tempo e recursos financeiros na educação. Um quadro que só 10

anos atrás parecia impossível...

Para entendermos as razões deste dados é preciso analisar brevemente como é que, em Moçambique, as pessoas conseguem melhorar suas vidas; em palavras mais técnicas, como é que ocorre a mobilidade social no país. Acima de tudo convém recordar que, numa sociedade profundamente desigual como a moçambicana, a mobilidade social é muito limitada. Aliás, parece mais provável alguém piorar a sua posição social e económica do que melhorar. As modalidades de ascensão económica, em Moçambique, reflectem, portanto, esta estrutura social particularmente desequilibrada e fechada. Estudos publicados mesmo dentro do país demonstram que o mais importante, para uma melhoria considerável das existências, são as redes que cada um consegue estabelecer, independentemente do seu grau escolar ou académico. Existem redes fracas e fortes, de maior ou menor inserção social, mas não existe ninguém que tenha conseguido um certo sucesso económico e, portanto, social, sem se ter ligado a redes. A rede do partido no poder é, até hoje, a mais significativa. Quem conseguir entrar nela, mesmo tendo origens humildes e uma formação nem sempre de topo, provavelmente tem chance de melhorar a sua existência. É suficiente dar uma olhada aos dirigentes, nacionais e locais da Frelimo para verificar esta circunstância. O primeiro presidente da república com título académico foi o Nyusi, ao passo que nem Samora Machel, Chissano e nem Guebuza tinham licenciatura. As redes dos outros partidos também garantem uma certa inserção social, principalmente em alguns territórios do país, especialmente no Centro e no Norte, onde as oposições são mais fortes. Nenhum dos chefes da Renamo, por exemplo, frequentou uma universidade, mas isso não lhes provocou nenhum constrangimento na arena política, antes pelo contrário...

Estas redes, porém, se por um lado podem facilitar na procura de melhores condições, e até de privilégios, por outro podem ser instáveis: um contraste com uma pessoa poderosa dentro do partido pode afastar, por vezes de forma definitiva, do próprio partido e do circuito de interesses que rondam a volta dele (ou deles, se considerarmos também as principais formações políticas da oposição).

Outras redes muito significativas são as de tipo étnico e familiar, que por vezes se sobrepõem com as primeiras, relativas às pertenças políticas. Neste caso, a solidariedade étnica ou familiar, como diria Putnam, é ainda mais fechada do que ocorre com as redes políticas, as quais devem

procurar sempre novos elementos para que o partido não emagreça, até ficar sem aderentes. No caso da etnia e da família, a tendência é fechar o mais possível o circuito, como demonstra, por exemplo, a governação dos Macondes, centrada em redes tipicamente étnicas, ou também de Indianos ou Paquistanianos no comércio em pouco tempo em todo o país.

Existem outras redes que podem ajudar no sucesso e, portanto, na mobilidade social deste ou daquele indivíduo: redes sindicais, de associações e organizações da sociedade civil, religiosas e não, até académicas. Entretanto, tais redes parecem menos decisivas e influentes do que as primeiras três acima e nucleadas.

Se, portanto, são as redes (e aquelas específicas redes acima referenciadas) os instrumentos principais de ascensão social, elas não contemplam a necessidade, ou até a oportunidade, de uma bagagem escolar considerável. Pelo contrário, o que é mais necessário é a capacidade de inserção em tais redes, a fidelidade à organização, o saber estar dentro de uma estrutura complexa de forma certa e sem desafiar os chefes, sejam eles políticos, familiares ou étnicos: neste contexto, a educação tem um papel marginal, a não ser ausente ou, em certos casos, nocivo.

Por isso é que tantos jovens estão a renunciar à sua formação, aos seus estudos, procurando vias alternativas de sucesso e ascensão social; vias que pautam para o ingresso em redes e organizações, mas que não passam através de uma sólida formação académica.

A frase inicial de Paulo Freire assume, assim, um sentido específico olhando para Moçambique: a necessidade da mudança ainda existe, entretanto as modalidades de alteração da pirâmide social no país são tão sedimentadas e consolidadas que dificilmente alguém que esteja “fora do giro” poderá, contando apenas com as suas capacidades e talentos (e com a sua formação académica), emergir para o crescimento próprio, da sua família e do país como um todo. Uma configuração social extremamente perigosa, esta: com efeito, ela, além de marginalizar a educação enquanto tal, faz correr o risco de produzir resignação e ao mesmo tempo raiva em muitos jovens os quais, excluídos dos circuitos que contam, fora de um percurso escolar regular, vão procurar outros meios muito menos lícitos (tráficos de vária natureza, crime, até terrorismo como desde 2017 verifica-se no Norte) para melhorar suas próprias vidas. Quando a educação deixa de constituir a bússula de uma nação, as probabilidades de ela ter um futuro sombrio aumentam consideravelmente e, geralmente, acabam verificando-se.



O FURACÃO

Alexandre Chiure

Outra vez conotado

Já escrevi, neste espaço, que, há 22 anos, um dos meus patrões da época perguntou-me de que lado eu estava. Queria saber, nessa altura, qual era o meu partido político. No fundo, segundo ele próprio, pretendia obter um esclarecimento, pois pairava a informação de que eu era da Renamo.

Na ocasião, respondi-lhe que eu estava do lado da verdade. Não entendeu o alcance da minha resposta. Insistiu. Colocou a pergunta de outra forma, ao que lhe disse que não pertencia a nenhuma formação política. Fui investigado e, não tendo havido provas da minha militância naquele partido, o processo ficou arquivado.

Na verdade, ele queria decidir a quem entregar o convite que trazia nas mãos para participar num jantar da bancada da Frelimo na Assembleia da República. Por uma questão de segurança e para não desconfortar os camaradas, preferiu indicar um colega sobre quem ele tinha a certeza em relação ao seu alinhamento político.

Por que é que levanto, de novo, este assunto? É que sinto que devo responder, outra vez, a esta pergunta para limar algumas arestas. É que há arruaceiros que andam a espalhar o boato segundo o qual eu sou do MDM, e até dizem “cuidado com ele, não é nosso. É da oposição. É do MDM”.

Outros acusam-me, novamente, de ser da Renamo. Um amigo meu segredou-me que o meu pecado é eu ter usado a frase “A vitória é certa!” no meu cartaz de campanha para secretário-geral do Sindicato Nacional de Jornalistas. Palavra de ordem que é atribuída ao partido de Ossufo Momade, o que é incrível.

Eu sou, simplesmente, um cidadão com ideias próprias, crítico e não um contra, livre de expressar o seu pensamento sobre a vida socioeconómica e política do país e preocupado com o bem-estar de todos. Na minha carteira, tenho bilhete de identidade, cartões de bancos, NUIT, carta de condução, livrete e mais nada. Não vão encontrar nela o cartão de um partido político. No meu coração está a minha família e o amor ao meu país.

Por não ser membro de nenhuma forma-

ção política, não tenho de prestar vassalagem a ninguém. Sinto-me bem na posição em que estou. Tenho amigos na Frelimo, Renamo, MDM e nos partidos extraparlamentares. Tomo o pequeno-almoço, almoço, jantar, ou lanche com qualquer deles sem precisar de me justificar ou pedir autorização.

Tenho as minhas razões para não abraçar a política neste momento. Quando chegar a altura, farei as minhas opções políticas. Por agora, não, é prematuro. É que os partidos não têm nada para me dar.

O que procuro, estas formações, infelizmente, não estão em condições de me proporcionar, nomeadamente um ambiente po-

Por que é que levanto, de novo, este assunto? É que sinto que devo responder, outra vez, a esta pergunta para limar algumas arestas. É que há arruaceiros que andam a espalhar o boato segundo o qual eu sou do MDM, e até dizem “cuidado com ele, não é nosso. É da oposição. É do MDM”.

lítico em que as eleições são verdadeiramente livres e justas e ganham os melhores. Em que não é preciso comprar votos, ameaçar ou intimidar quem quer que seja para chegar ao poder.

Que todos quantos tenham perfil, por exemplo, para serem Presidente da República, presidente da Assembleia da República, governador, concorram livremente e sejam votados sem nenhuma manipulação e qualquer interferência em torno de questões tri-

bais, regionalistas e raciais.

É que enquanto continuar-se a votar nas cores políticas e não em função da qualidade do manifesto ou do programa político, não vale a pena apostar, tão já, na política. Enquanto a renovação de mandatos como presidente do município, e não só, continuar a premiar a incompetência de alguns e não os que foram melhores servidores públicos, dificilmente me tornarei político.

Enquanto, em alguns casos, ser membro de um partido político pode significar a perda de regalias, cargos de chefia, promoção ou ter uma vida bloqueada, sofrer perseguições, ameaças ou intimidações, falar o que te mandam dizer e não o que pensas, não me interessa entrar na política. Prefiro ficar no meu canto. Não teria coração para isso, ainda que o mandasse blindar.

Enquanto os processos eleitorais moçambicanos não forem transparentes e terminarem sempre em conflitos que, num passado recente, levaram ao retorno à guerra, no lugar de aceitação dos resultados e com um abraço entre os actores políticos, não é oportuno emprestar a minha imagem à política.

Como resultado de todas estas fraquezas, prefiro ostracizar-me. O melhor é continuar a ser o que sou. A fazer o que faço. A exercer a cidadania, preenchendo o vazio deixado pelos partidos da oposição que, vezes sem conta, se eximem das suas responsabilidades como opositores do regime do dia.

Tenho de esperar sentado e a rogar a Deus para que me dê mais anos de vida para poder testemunhar dias melhores na política moçambicana, em que eu possa dizer que vale a pena passar os meus últimos dias de vida fazendo política pura.

Digam que não gostam de mim. Não me vou ofender. Digam que não se simpatizam com a minha forma de ser e estar, com a frontalidade, isenção e imparcialidade com que abordo os assuntos. Vou compreender-vos. Digam, se for o caso, que não gostam do meu sentido crítico. Saberei respeitar a vossa opinião. Mas deixem de me conotar com partidos políticos. Parem de tentar assassinar o meu carácter.

Níger: Militares querem processar Presidente deposto por "alta traição"

Militares que conduziram o golpe de Estado em Julho último no Níger anunciaram que querem processar o presidente deposto, Mohamed Bazoum, por "alta traição" e ataque à segurança do país. O major coronel Amadou Abdramane disse estarem reunidas "provas para processar, perante as autoridades nacionais e internacionais, o presidente deposto e os seus cúmplices internos e estrangeiros.



Activista ligado aos golpistas no Níger diz que a região precisa de 'aceitar o novo regime' ou arriscar a guerra

Um activista local ligado ao regime militar diz que a única forma de evitar o conflito no país entre os soldados amotinados que depuseram o presidente e as nações da região que ameaçam uma invasão para reinstalá-lo é reconhecer o novo regime como os que estão no poder.

Insa Garba Saidou, um ativista local que apoia os novos governantes militares do Níger, nas suas comunicações, disse que não haverá diálogo com os países da região até que eles reconheçam o novo chefe de Estado.

O bloco regional da África Ocidental, CEDEAO, ameaçou usar força militar se o presidente Mohamed Bazoum, que assumiu o cargo há dois anos, não for libertado e reintegrado.

"Só há uma opção, aceitar o regime ou a guerra", disse Saidou. "Não há mais nada para Bazoum, deve esquecê-lo. Está acabado, é perda de tempo tentar restaurá-lo. Não é possível", disse.

Na quinta-feira, a CEDEAO disse que havia direcionado o envio de uma "força de prontidão" para restaurar a democracia no Níger após o prazo de restabelecer Bazoum ter expirado.

Tentativas frustradas

Não está claro quando ou onde a força será destacada, mas analistas dizem que pode incluir até 5.000 soldados de países como Nigéria, Benin, Costa do Marfim e Senegal.

Embora o bloco diga que quer que a mediação prevaleça, várias tentativas da CEDEAO, assim como outras, em pouco resulta-



ram.

Na semana passada, uma proposta de visita da CEDEAO, das Nações Unidas e da União Africana foi rejeitada com base em "razões evidentes de segurança nesta atmosfera de ameaça" contra o Níger. Um dia antes, uma destacada diplomata americana encontrou-se com alguns membros da Junta, mas não conseguiu falar com Tchiani nem ver Bazoum.

Muitas nações ocidentais viam o Níger como um dos últimos países democráticos na região do Sa- hel, uma vasta extensão ao sul do

deserto do Saara, ideal para fazer parceria para combater a crescente ameaça jihadista.

Centenas de milhões de dólares foram investidos no fornecimento de equipamentos e treinamento para as forças armadas do Níger por forças especializadas francesas e norte-americanas, que agora podem ser usadas pela junta para aumentar o seu controlo sobre o poder.

Bazoum confinado

O regime militar já está se con-

solidando, nomeando um novo governo e alimentando o sentimento anti-francês, ex-governante colonial, para reforçar o seu apoio.

Desde o golpe de 26 de Julho, Bazoum está confinado com sua esposa e filho no porão de seu complexo presidencial, que está cercado por guardas e agora sem abastecimento de comida, eletricidade, água e gás de cozinha.

O embaixador do Níger nos Estados Unidos, Mamadou Kiari Liman-Tinguiri, disse à AP que a junta está a tentar matar Bazoum de fome.

Na sexta-feira, o chefe de direitos humanos das Nações Unidas, Volker Türk, disse estar extremamente preocupado com a condição de rápida deterioração de Bazoum, chamando o tratamento da família de "desumano e degradante" e uma violação da lei internacional de direitos humanos.

Jacob Zuma recebe perdão especial e fica em liberdade

O ex-presidente da África do Sul, Jacob Zuma, recebeu um "perdão especial" presidencial e não será reencarcerado para cumprir uma pena de prisão de 15 meses, anunciou o governo sul-africano.

O anúncio foi feito em conferência de imprensa, em Pretória, a capital do país, pelo ministro da Justiça e Serviços Correcionais, Ronald Lamola, e pelo comissário nacional de Serviços Correcionais, Makgothi Thobakgale.

O governante sul-africano indicou que o Presidente da República, Cyril Ramaphosa, aprovou um "perdão especial" para "resolver a superlotação nas prisões" no país.

Segundo o Departamento de Serviços Correcionais, o ex-presidente Jacob Zuma compareceu hoje no estabelecimento prisional – de onde saiu em liberdade condicional médica em setembro de 2021 – para que fosse dado seguimento ao processo.

Zuma esteve continuamente sob a supervisão dos serviços correcionais cumprindo a sua sentença em comunidade. Ele nunca foi um homem livre a partir de 08 de julho de 2021", sublinhou Makgothi Thobakgale, afirmando que o antigo chefe de Estado não

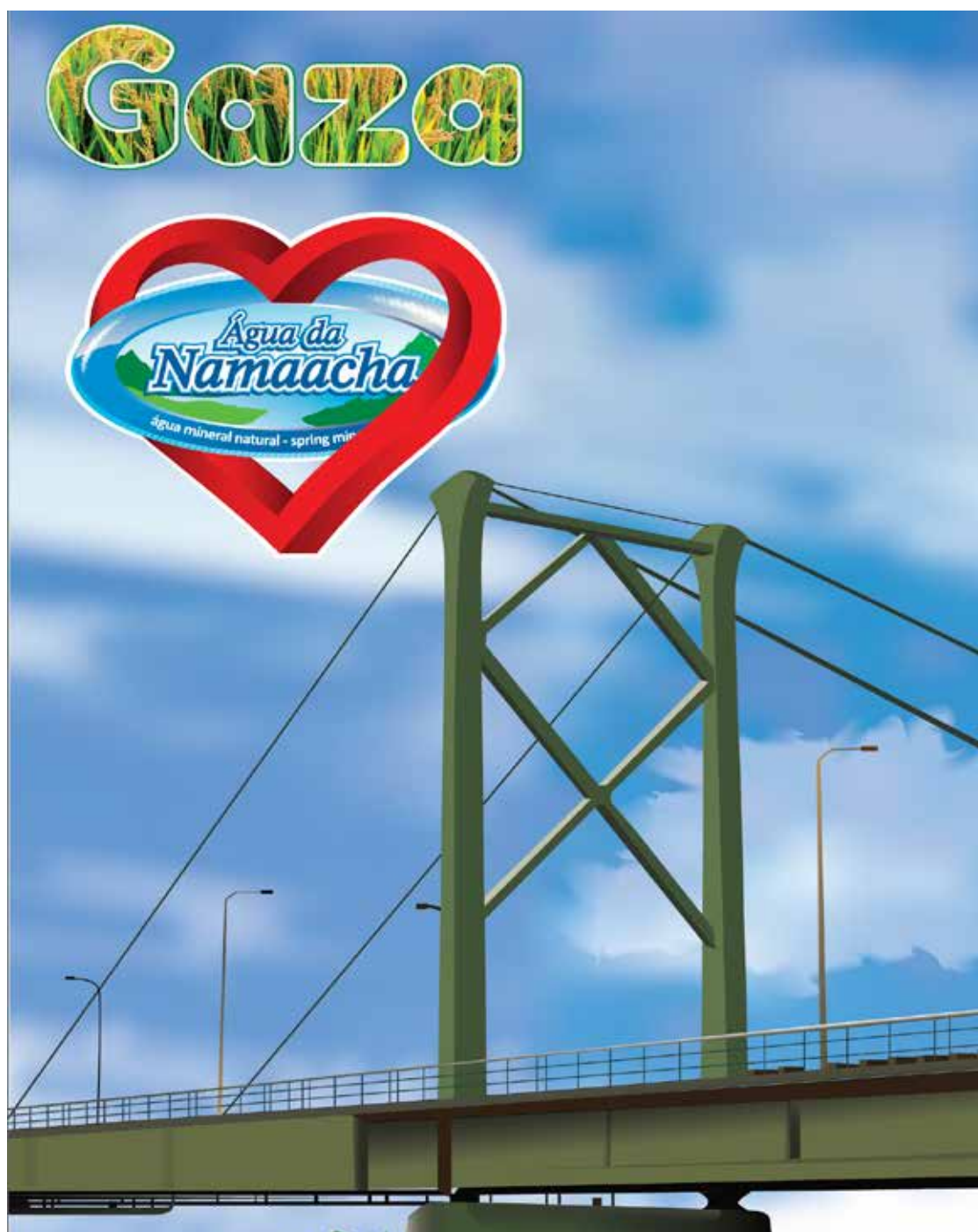
cumprirá o restante da pena de prisão de 15 meses devido ao processo de perdão anunciado.

No mês passado, um dia depois de a Justiça do país considerar "ilegal" a sua liberdade condicional por motivos médicos, determinando o seu regresso à prisão, Jacob Zuma viajou para a Rússia por "motivos de saúde", segundo o seu porta-voz.

Entretanto, Ramaphosa chegou à presidência em 2018 para substituir Jacob Zuma, obrigado a renunciar ao cargo antes do fim do mandato pelo seu partido, o Congresso Nacional Africano (ANC), após nove anos de governo envoltos em escândalos e acusações de má gestão da coisa pública.

No mês passado, o Tribunal Constitucional da África do Sul, a mais alta instância da justiça do país, indeferiu um pedido de recurso do Governo sul-africano contra o reencarceramento de Zuma, ordenado pelo Supremo Tribunal de Recurso sobre a liberdade condicional médica concedida a Zuma.

PUBLICIDADE





UM CAFÉ E A CONTA

Estêvão Chavisso

A Visualização Única da “Bunda” do Felisberto

Deixei o trabalho numa sexta-feira de final de maio com a pressa de quem realmente precisa de uma cerveja. São quase 23:00 e, na capital moçambicana, infelizmente, a economia pára depois das 21:00.

Das poucas opções que existem, para quem precisa comer ou (sobretudo) beber depois de um dia “chato” de trabalho, o “Press Club” anda entre os locais preferidos pela pseudo-burguesia da capital moçambicana.

Desci pela 24 de julho com um ar cansado e, já quase no Ministério da Educação, dei de cara com dois simpáticos membros da PRM. Pediram-me para tirar tudo que tinha nos bolsos e, enquanto revistavam-me, um deles perguntou se eu fumava Suruma.

Sim, respondi. Olharam os dois para mim com algum grau de espanto e eu acrescentei: fumo sim, só quando estou na África do Sul. Caímos todos na gargalhada, despedi-me e pus-me à distância.

Quase à porta do Press Club, conheci um tipo simpático que se chamava Felisberto. Perguntou-me quantos metros de altura somava e eu disse dois, como normalmente faço para satisfazer as pessoas que quase todos os dias fazem a questão de lembrar-me que eu sou alto - como se eu não soubesse.

Apesar da pergunta parva de entrada, Felisberto pareceu-me uma boa figura. Um pouco gordo, mas flexível no argumento e na articulação. Parados à porta do Press Club, por quase 10 minutos, discutimos política, entre a invasão russa da Ucrânia, a inércia da oposição em Moçambique e até os supostos “interesses externos” da sociedade civil moçambicana.

Fiquei com uma boa impressão do Felisberto, mas eu precisava mesmo de uma cerveja e, enquanto eu marcava a distância de quem precisa ir embora apesar da conversa agradável, ele sugeriu que trocássemos contactos para um eventual café. Claro, respondi. Eu fui ao bar e ele à sua vida.

Passaram-se quase duas semanas e, numa noite qualquer, Felisberto meteu conversa no meu WhatsApp. Perguntava-me como é

que eu andava com este frio que assaltou Maputo e eu disse que estava bem, embora cansado da rotina tóxica de uma cidade onde todo mundo está a procura da próxima bolada.

Do nada, sem sequer me preparar, Felisberto decidiu mandar uma imagem (de visualização única) da sua bunda com a legenda: “preciso de umas palmadas”.

A sunga preta, que propositadamente atravessava as nádegas peludas de Felisberto, ficaria na minha memória por três noites seguidas, assombrando-me em longos pesadelos em que a trilha sonora era sua voz a pedir por “mais palmadas”. O choque foi

Mas, Felisberto não estava preocupado com as minhas convicções ideológicas ou minhas boas intenções para com a comunidade gay de Moçambique, ele tinha apenas uma missão: ter-me a dar palmadas na sua bunda por uma noite e nada mais.

imediatamente.

Devo admitir que não é a primeira vez que um homem me “abordava” com intenções obscuras em Maputo, mas a brutalidade deste episódio realmente chocou-me. Senti-me sujo, simplesmente por ter sido o único a ver aquela imagem e, por dias, no chuveiro, pensei até em procurar assistência psicológica, como as vítimas de “estupro” nas vulgares cenas de cinema de

Hollywood.

Pior, na noite do trauma, a minha conversa com o Felisberto não terminou ali. Depois de mandar-me a imagem, escrevi-lhe respeitosamente a explicar que eu não era gay e que até defendia o direito desta minoria, apesar do choque que eu ainda carregava após ver aquela imagem que ninguém mais no mundo poderá ver.

Mas, Felisberto não estava preocupado com as minhas convicções ideológicas ou minhas boas intenções para com a comunidade gay de Moçambique, ele tinha apenas uma missão: ter-me a dar palmadas na sua bunda por uma noite e nada mais.

Depois da mensagem que lhe escrevi a esclarecer que eu era hétero, e assumindo o seu nível de lucidez em função da conversa que trocamos à porta do “Press Club”, pensei que o assunto estivesse resolvido, mas Felisberto voltaria à carga – desta vez mais brutal que nunca.

Felisberto mandou-me uma nova imagem, ostentando cinco mil meticais em notas novinhas. A legenda era: “não queres dinheiro?”.

Senti-me sujo e, no momento, insurtei-me contra o Felisberto, numa reação que se assemelha a de uma mulher que não quer ser confundida com uma prostituta.

Escrevi-lhe um novo texto manifestando o meu total desagrado e já com algumas ameaças nas entre linhas. Mas, uma vez mais, Felisberto mostrou-se destemido e atirou: “Quando precisares de dinheiro, avisa-me”, escreveu.

No mesmo momento, desisti da conversa. Concluí que nada mais havia por fazer por Felisberto. Encerrei a conversa e o bloqueei definitivamente.

Passaram-se algumas semanas, e ontem, no final do dia, apeteceu-me voltar ao “Press Club” para um copo, mas não tinha qualquer dinheiro, e entre amigos e colegas, meu nome já está na lista negra de tanto crédito “malparado” que tenho acumulado – devo quase metade da cidade de Maputo. Por um instante, devo admitir, pensei na bunda de Felisberto.

As mulheres estão a democratizar a democracia



Eva Trindade

No dia 13 de Julho do ano em curso, participei, como oradora, no 4º Fórum Internacional da Democracia Participativa em África, que decorreu no Centro de Conferências Joaquim Chissano, em Maputo, capital Moçambicana.

Convidada a falar sobre a Liderança da Mulher Jovem, no contexto da Democracia Participativa, inicialmente pensei em declinar, mas ocorreu-me que como apresentadora de um programa de Televisão sobre mulheres - "Nós Mulheres", do qual sou também produtora de conteúdos, tenho estado a observar e a acompanhar a liderança de raparigas e mulheres que na sua militância e activismo têm estado a alargar a participação política.

Reflectindo nesse sentido, optei por aceitar o convite e me propus a falar sobre a forma como as mulheres estão a contribuir para democratizar a democracia em Moçambique e quiçá em África. Neste sentido, decidi começar por convocar Mary Wallstonecraft, escritora inglesa proto feminista^[1], que em 1792 escreveu e publicou o livro "Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher", no qual reivindicava direitos para as mulheres. Nesse livro, publicado no contexto da Revolução Francesa, esse grande marco da história da humanidade, a partir do qual os homens tornaram-se cidadãos e titulares de direitos, excluindo as mulheres, Mary Wallstonecraft afirma que a mulher devia ter direito à participação política.

Reparem que se estava no século XVIII, época em que as mulheres ainda não tinham direito ao voto, sendo que o primeiro país a conceder o direito ao voto às mulheres foi a Nova-Zelândia, em 1893, mais de um século depois. Wallstonecraft entendia que só com o direito à participação política as mulheres poderiam transformar suas vidas, visto que considerava a participação política um poderoso instrumento de transformação político-social.

Por que esta escritora reivindicava para as mulheres o direito à participação política? Porque na Democracia participativa, a participação política é o principal valor democrático.

Quando se fala da participação política não se refere apenas ao voto. Existem diferentes maneiras de participar na política, nomeadamente: através de associações, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, participação em manifestações, em marchas, em protestos, na pressão exercida sobre os dirigentes políticos e na discussão de acontecimentos políticos.

Ao longo destes 10 anos do "Nós Mulheres" vejo

raparigas e mulheres, nas suas iniciativas e ações individuais ou em movimentos, a fortalecerem a consciência da cidadania e a incentivarem o seu exercício, alargando a base de participação política.

Provavelmente o leitor(a) se lembra da manifestação realizada pelas mulheres vendedeiras do Mercado de Peixe de Maputo. Lembro-me da polícia se ter feito ao local para impedir a manifestação e de ver uma mulher a prostrar-se em frente à polícia e perguntar-lhe repetidas vezes: "não tenho direito, eu?"

Pode parecer banal, insignificante, mas aqueles que têm estado a militar pela promoção dos direitos humanos, num país sem consciência de cidadania e sem cultura jurídica, percebem nessa pergunta o brotar de uma semente, "a consciência da cidadania".

Nestes 10 anos, pude ver a aprovação de duas leis que contribuiriam para melhorar a qualidade de vida das raparigas e mulheres moçambicanas: a lei que criminaliza a violência doméstica e a torna um crime público; e a lei que criminaliza as uniões prematuras, leis que surgem pela iniciativa das mulheres. Vigilantes, as mulheres vêm desenvolvendo outras iniciativas como marchas, protestos, manifestações que impedem a tentativa contínua de esvaziar os direitos que já estão garantidos às mulheres, direitos estes que estão sempre em risco de desaparecer, obrigando-as a estar permanentemente em "prontidão combativa".

Essa necessidade de estar em prontidão combativa leva-nos a convocar a filósofa e activista norte-americana Angela Davis, que afirma que "a liberdade é uma luta constante".

No Fórum Internacional da Democracia Participativa, Joaquim Chissano, ex-presidente de Moçambique, durante o seu discurso inaugural, afirmou que a democracia pressupõe a liberdade de expressão e liberdade de expressar-se livremente.

Expressar-se livremente é um direito fundamental, consagrado na maioria das constituições, mas esse direito está sempre em risco de ser retirado, daí a necessidade de batalhar, de lutar constantemente por ela para mantê-la, como afirma Angela Davis, em seu Livro "A Liberdade é uma Luta Constante".

Nesse aspecto, as mulheres moçambicanas têm estado a enfrentar quase que heroicamente essa luta. Herdeiras de lutas dos movimentos em defesa dos direitos humanos, lutas que têm sido travadas ao longo de séculos, lutas inacabadas, cujo desfecho tem sido ao longo desses séculos adiado, estas

mulheres demonstram ter consciência da necessidade de não depor as armas.

Actualmente, as redes sociais têm sido o campo de maior parte das batalhas por elas travadas. Nascidas na era da tecnologia da informação, as mulheres jovens apropriaram-se e as utilizam a seu favor. Nas redes sociais, as mulheres jovens sentem-se verdadeiramente livres e expressam-se abertamente.

Assumem-se como feministas, usufruem dos seus direitos, exercitam a cidadania sempre que os seus direitos estão em risco, participam da política integrando movimentos, manifestações, organizam marchas, organizam conferências de imprensa para exercer pressão sobre os dirigentes políticos, posicionam-se a favor de diferentes grupos oprimidos, e dessa forma elas vão democratizando a nossa democracia, tornando-a mais participativa e fazendo jus ao que diz a filósofa e activista Angela Davis, "é preciso fazer avançar a democracia para todos, desenvolver e democratizá-la".

Creio que é pela necessidade de democratizar a democracia ou fazer avançar a democracia que alguns países africanos decidiram realizar o Fórum que aqui menciono. Por que estaríamos reunidos num Fórum internacional, envolvendo diferentes geografias, para debater a democracia? Ou terão criado este Fórum para realizar um desfecho da luta pela democracia?

Não me parece, creio que o objectivo deste Fórum é "fazer avançar a nossa democracia", torná-la mais participativa e permitir que haja participação de todos.

Neste sentido, Angela David sugere que convoquemos as ligações a todos os movimentos e lutas actuais, o que o Filósofo Severino Ngoenha chama de "unidade além da Geografia", unidade além dos espaços geográficos, de forma a coordenar e colaborar na definição de formas de democratizar e avançar com a nossa democracia. Para mim, estarmos "unidos" num Fórum Internacional de Democracia Participativa em África é também assumir essa necessidade de "unidade além da geografia".

No mês de Maio do ano passado (2022), as mulheres jovens africanas deram este passo de "unidade além da geografia" e criaram a Rede de Mulheres Jovens Líderes Africanas, um excelente passo nesse processo de luta constante pela liberdade de expressão, que permite às mulheres a participação política, que passa necessariamente por democratizar a nossa democracia.

Um bem-haja às mulheres deste país e do nosso continente.

^[1] O profeminismo é um conceito que antecipa o feminismo moderno em épocas em que o conceito feminista como tal ainda era desconhecido. Isso se refere particularmente a épocas anteriores ao século 20, embora o uso preciso seja contestado, já que o feminismo do século 18 e o feminismo do século 19 são frequentemente incluídos no "feminismo".

Geny Catamo continua a viver um verdadeiro estado de graça em terras lusas. Depois de ter estreiado a titular na equipa principal do Sporting, na primeira jornada do campeonato, o internacional moçambicano de 22 anos ouviu elogios do seu treinador Ruben Amorim, que considera o atleta bastante promissor.



Afinal nem tudo que o SED disse à STV é verdade?

Federação Moçambicana de Basquetebol desfaz actuação teatral de Gilberto Mendes

Está instalado o braço de ferro entre a Secretaria de Estado do Desporto (SED) e a Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB). Depois de semanas de acusações e respostas pelas redes sociais, este domingo o palco de confrontação foi o programa Noite Informativa da STV. Com o espaço de antena dividido em dois tempos, coube, primeiro, ao secretário de Estado, Gilberto Mendes, abrir as hostilidades e ao seu estilo característico arrasou a direção da FMB, acusando-a de ser de falta de credibilidade e que, para além de ter dito que foi o Governo quem convenceu a TottalEnergies Mozambique a apoiar as samurais. No entanto, estes factos foram rebatidos pela FMB, que acusa Gilberto Mendes de falta de seriedade e mentir descaradamente.

Evidências

Continua a polémica em torno da participação de Moçambique no AfroBasket 2023. Dias depois de Roque Sebastião ter renunciado ao cargo de Presidente da Federação Moçambicana de Basquetebol (FMB) e denunciar o que considerou de ingerência da Secretaria de Estado do Desporto (SED), através do Fundo de Promoção Desportiva, na gestão da Selecção Nacional Sénior Feminina de Basquetebol, Gilberto Mendes reagiu e acusou a FMB de não ter capacidade de gerir dinheiro.

Mas a FMB não deixou barato, e no mesmo programa, minutos depois, através do seu secretário-geral, rebateu todas as acusações e acusou o secretário de Estado, escolhido a dedo pelo Presidente da República, de falta de seriedade.

Mas vamos em partes. Gilberto Mendes, que esteve preocupado em distribuir recados a tudo e todos durante a entrevista conduzida pelo jornalista Afonso Chavo, começou por acusar a sociedade moçambicana e os fazedores de opinião, que, no seu entender, “não gostam de ver o sucesso do desporto nacional, particularmente das selecções nacionais...até analistas políticos que nunca colocaram os pés num estádio, num pavilhão ou numa piscina aparecem a comentar assuntos do desporto”.

Prosseguindo, apontou as

suas baterias para a FMB, que, no que segundo disse, ficou preso a um único patrocinador, razão pela qual regista dificuldades para conseguir apoios para viabilizar a participação das selecções nacionais nos campeonatos. Mas o remate ainda estava por vir. Mendes disse ao vivo e a cores que foi o Governo que negociou o apoio da Total Energies para a selecção feminina e para a massificação da modalidade.

“O parceiro não quis assinar o acordo com a Federação que tinha um histórico de dívidas com as atletas, que levou o atraso do início dos treinos, e com outras instituições, entre outros aspectos. As instituições desportivas devem saber que não se devem atrelar apenas a um parceiro”, disse.

Sobre a demissão de Roque Sebastião, apontada como sendo resultado da ingerência da SED, Gilberto Mendes disse não ser verdade, pois “a demissão do presidente da FMB é anterior à participação da Selecção Nacional no AfroBasket de Kigali. Em Junho, ele apresentou uma carta ao presidente da Mesa da Assembleia Geral. Nós é que o dissemos que deveria ficar e não poderia abandonar a selecção nas vésperas da participação de competições importantes”.

Sobre o escândalo em Kigali, em que a SED foi acusada de fazer desembolsos a conta-gotas e abaixo do acordado, Gilberto Mendes disse



que a Federação remeteu a documentação tarde.

“Se sabemos que temos uma competição, temos que remeter a planificação e a documentação antes”, sublinha, para depois culpar o treinador pelo alegado mau ambiente vivido.

“Será que ouviu uma atleta a reclamar sobre o atraso no pagamento dos subsídios? Só ouvimos um áudio do treinador, talvez no calor da competição. O treinador não tem legitimidade para falar em nome das atletas”, referiu, antes de acusar a FMB de inoperância e de não estar a realizar provas há muito tempo.

Quanto à limitação do número de integrantes da comitiva moçambicana, excluindo o residente da FMB e outros dirigentes federativos, Mendes diz que “o presidente da Federação tem a obrigação de pagar o seu próprio bilhete para estar presente nesta competição”.

FMB rebate e diz que Gilberto Mendes não é sério

Os pronunciamentos de Gilberto Mendes não caíram bem no seio da FMB, que reagiu de pronto usando o mesmo canal. Ilídio da Silva, secretário geral da Federação Moçambicana de Basquetebol, acusou o secretário de Estado de estar

a faltar com a verdade, sobretudo em relação à autoria do projecto que culminou com o patrocínio da TotalEnergies ao basquetebol moçambicano.

“Dá-me pena ver o Governo a ser representado por um indivíduo como este a representar o Estado e a comportar-se desta maneira, sobretudo pelo facto de nós como povo contribuímos para o pagamento do seu salário. Não é favor o Governo apoiar ou financiar a actividade desportiva, visto que a Lei do Desporto indica que é uma das obrigações do Estado/Governo apoiar ou financiar as actividades das Federações nacionais”, sustentou.

Da Silva esclareceu que o apoio da TotalEnergies foi solicitado pela FMB em 2020, mas devido a pandemia os contactos foram interrompidos, tendo sido retomados em 2021.

“Fomos nós quem contactou a TottalEnergies para apoiar a selecção feminina de basquetebol, e como havia muitos interesses e muita gente a submeter propostas para a modalidade, fomos chamados em Setembro de 2021 à SED, onde a empresa, através do senhor Maxime Rabilloud, anunciou que iria apoiar o basquetebol feminino, e daí criaram-se comissões de trabalho para viabilizar este apoio, mas até aqui não conhecemos o conteúdo do memorando final

que foi assinado com o Fundo de Promoção Desportiva. Não digo que a Federação não tem responsabilidades na movimentação da selecção. Mas o projecto que apresentamos a TotalEnergies é estruturante e iria ajudar-nos a organizar estruturalmente a Federação e por via disso atrair a outros parceiros”, explicou Ilídio da Silva.

Em relação à acusação de Gilberto Mendes, de que a FMB demorou submeter o plano da operação Kigali, Da Silva disse tratar-se de uma mentira, esclarecendo que “a nota com a nossa planificação sobre a ida ao AfroBasket 2023 foi enviada à SED há 21 de Março deste ano, com o plano e as necessidades, e só recebemos as respostas em Julho, cerca de quatro meses depois. Enquanto não conhecemos o que a TottalEnergies iria cobrir e qual o tipo de patrocínio, ficamos amarrados e sem possibilidade de contactar outros apoios por uma questão ética”.

Sobre as dívidas na casa dos 18 mil dólares relativa a participação da selecção masculina no AfroCAN-2023 em Angola, Da Silva diz que foi por orientação do Governo que a FMB tomou aquela decisão e diz que houve até garantias da SED em ajudar a pagar a dívida, para além de outras despesas.

Franco acolheu no sábado “Punhos no Ar”

O Centro Cultural Franco-Moçambicano acolheu no último sábado, 12 de Agosto, o Festival Nacional de Hip-Hop “Punhos no Ar”, um evento anual centrado na valorização do Hip-Hop Moçambicano, que contou com a presença de artistas como Duas Caras, Kloro, Trez Agah, Allan, Iveth, Legacy, Kay Real, Gina Pepa, Bokly, La Vida Louca, Rei Bravo e Pier Dogg, e deixou carimbada mais uma vez a marca da cultura Hip-hop em Moçambique.



Livro de Sérgio Langa discute valores moçambicanos

A Sala dos grandes actos do Centro Cultural Português, na cidade de Maputo, rebentou literalmente pelas costuras, na última quarta-feira, com mais de uma centena de moçambicanos a acorrerem para acompanharem o lançamento do “Rebanho Desorientado: dos enlatados televisivos à Moçaxiologia”, terceiro livro da autoria do académico moçambicano Sérgio Jeremias Langa.

Resultado da sua tese de doctoramento em Ciências de Educação, o livro de 272 páginas discute cientificamente a predominância do conteúdo enlatado estrangeiro na grela televisiva nacional e propõe novos conceitos, como Moça-

xiologia que na sua definição é a possibilidade para resgatar a moçambicanidade, através das grelhas de programação das emissoras de televisivas nacionais.

Sob a chancela da editora Kuphaya a obra discute a tele-



visão e a educação para valores da cultura local e problematiza o valor educativo que as emissoras televisivas locais oferecem ao telespectador moçam-

bicano, com base em enlatados produzidos fora do país.

Sérgio Jeremias Langa, comunicólogo e artista plástico de pseudónimo Circle Langa, é

professor e pesquisador de comunicação. Dirige o curso de licenciatura em Publicidade e Marketing na Escola Superior de Jornalismo (ESJ).

“Vê Só” realiza excursão fotográfica de comboio a Chókwè

O Movimento Vê Só Moçambique realiza excursão fotográfica de comboio a Chókwè. O evento a acontecer no dia 19 de Agosto é um pretexto para a celebração do Dia Mundial da Fotografia e do Município de Chókwè, que se celebra a 17 de Agosto.

A excursão, que irá começar pelas 6h00, na Estação Central dos CFM, e o seu regresso às 20h00, pretende, fundamentalmente, explorar o comboio como um meio de transporte turístico-cultural e, ao mesmo tempo, ser um motivo para os excursionistas registarem outras formas e estilos de vida que ocorrem ao longo da via de transporte pelo Rio Limpopo.

Trata-se de uma viagem aberta a todos interessados, mediante o pagamento de uma taxa que irá lhe possibilitar explorar vários espaços turísticos, históricos de lazer ao longo da ferrovia e no interior do distrito de Chókwè.

Os excursionistas, para além de uma viagem descontraída e um ambiente de imersão pelo turismo ferroviário, terão como brindes uma camiseta, almoço, monitor durante a viagem e um guia-turístico para acompanhamento da visita pela cidade de Chókwè.

Para além do Movimento Vê Só, o evento será produzido pelo Instituto de Formação de Fotografia e Vídeo, que conta com os préstimos do foto-jornalista Albino Ma-

humana e Mateus Afonso, coordenador da excursão.

Vê Só é uma comunidade de amantes e caçadores de imagens existente em Angola e Moçambique, que se preocupa em explorar locais turístico-culturais em grupo e amantes da fotografia.

Em Moçambique, o movimento é coordenado por Neide Tsenani, e já foram realizadas várias excursões, como é o caso do Bairro Indígena, Bairro da Urbanização, Ressano Garcia, entre outros locais.

Refira-se que o Dia Mundial da Fotografia se comemora anualmente a 19 de Agosto e é conhecido internacionalmente como World Photography Day, tornando-se, assim, a principal referência internacional para homenagear a fotografia e os fotógrafos.

A data foi escolhida porque marca o surgimento do daguerreótipo e a popularização do seu uso para criar as primeiras fotografias permanentes da história. Desde sua invenção até os dias actuais, a fotografia é uma arte amplamente admirada por toda sociedade.

visão e a educação para valores da cultura local e problematiza o valor educativo que as emissoras televisivas locais oferecem ao telespectador moçam-

PUBLICIDADE

Bringues Clean, Lda
Quem não é limpo não é feliz

Actividades em destaque

- ☑ Limpeza geral e industrial
- ☑ Manutenção de jardins
- ☑ Desinfecção e Fumigação
- ☑ Fornecimento de consumíveis de limpeza e plantas de ornamentação

ENDEREÇO
Email: info@bringuesclean.co.mz ou comercial@bringuesclean.co.mz
Site: www.bringuesclean.co.mz
Morada: Av. Albert Lithuli nº 1528, R/C, Bairro Alto Maé A.

LIGUE: +258 86/84 6625701 • 87 308 8729

EVIDÊNCIAS

60 Meticais

Nosso compromisso é com a verdade



ÚLTIMA HORA

Governador de Cabo Delgado pede amor e carinho aos insurgentes que se renderam e voltaram a casa

Numa altura em que o Governo e iniciativas da sociedade civil têm estado a intensificar acções com vista a convencer jovens que se filiaram aos terroristas para regressarem a casa, através de mensagens postas a circular nas cidades, vilas e povoações onde é frequente o terrorismo, dando garantias de que estes não irão sofrer represálias, o governador da província de Cabo Delgado reforçou o pedido à população em geral a mostrarem um ambiente de amor e carinho para os terroristas que decidam abandonar as fileiras dos jihadistas e regressarem ao convívio familiar.

Adolfo Manuel, Pemba

A sensibilização da população para o perdão para insurgentes que já se mostram arrependidos e que retornam voluntariamente à casa foi tornado público, recentemente, no centro de reassentamento de Marupa, no distrito de Chiure, aquando da entrega de certificados às famílias avaliadas nas

boas práticas de higiene individual e colectiva, no âmbito do programa família modelo, implementado pelo sector de saúde e parceiros.

Na ocasião, Valige Tauabo explicou à comunidade que os malfeitores, que na sua maioria são jovens, foram enganados com várias promessas para se



juntarem aos terroristas para o cometimento de vários crimes, mas muitos estão arrependidos e já manifestaram vontade de voltar.

O chefe do executivo provincial assegurou ainda que tratar com amor e carinho aos que já

se entregaram de forma voluntária será uma forma de motivar o retorno dos insurgentes que ainda estão a resistir nas matas.

“Os jovens que estão se entregando devem conviver bem com eles, para depois se comunicarem com os outros que ain-

da estão nas matas para regressarem para suas famílias”, disse o governante.

Sem avançar o número dos insurgentes até então arrependidos e que já se encontram no convívio familiar, o governador insta aos populares a fazerem vigilância e denunciar indivíduos de origem desconhecida e que se fazem passar nas aldeias com interesses obscuros.

Refira-se que num breve encontro com as famílias deslocadas, o governante ouviu a preocupação das vítimas com o interesse de regressar às suas origens, mas que pedem, primeiro, a reparação das vias de acesso para circulação de pessoas e bens, facilitando a vigilância por parte das Forças de Defesa e Segurança (FDS).

Edil de Pemba acusa deslocados pelo problema de lixo na cidade

A presença de famílias deslocadas por conta do terrorismo na capital provincial de Cabo Delgado é apontada como uma das principais causas do défice saneamento do meio na cidade de Pemba. Quem assim o diz é o edil daquela urbe, Florete Mutarua, quando tentava justificar o incumprimento de uma das promessas do seu manifesto eleitoral.

Adolfo Manuel, Pemba

Com a chegada das mais 250 mil pessoas provenientes de vários distritos da província de Cabo Delgado afectados pelo terrorismo, o número dos residentes na cidade de Pemba passou a dobrar, um facto que dificulta a gestão dos resíduos sólidos que são produzidos e depo-

sitados diariamente em grandes quantidades.

A constatação foi feita na última quinta-feira pelo Presidente do Conselho Autárquico de Pemba, durante a passagem de mais um aniversário do Dia Africano de Descentralização e Desenvolvimento Local, cujo lema foi

“Contribuição dos Governos Subnacionais e Locais Africanos para a criação da Zona de Comércio Livre Continental Africana”.

Segundo o edil, devido ao aumento populacional na capital provincial de Cabo Delgado, não foi possível a aquisição de novos equipamentos de trabalho para recolha do lixo, até porque ainda inviabilizou a expansão de alguns serviços básicos nos treze bairros que a capital provincial possui.

“O conselho municipal não comprou novos camiões e máquinas para recolha do lixo, porque antes da chegada dos deslocados a cidade tinha 250 mil habitantes

e agora o número dobrou e os camiões andam com deficiências mecânicas e o lixo cada vez mais aumenta, na medida em que o número de pessoas subiu”, observou Florete Mutarua.

Face a esta e outras inquietações que retiram Pemba do rol das cidades mais limpas do país, o presidente do conselho municipal pediu uma rápida reflexão sobre as dinâmicas de gestão dos deslocados.

Num outro desenvolvimento, o Presidente do Município de Pemba fez saber que a descentralização dividiu a gestão dos municípios, com destaque para aquisi-

ção de meios circulantes, que é da responsabilidade das autarquias.

Neste momento, o município de Pemba debate-se com a falta de um terreno para um aterro sanitário, isto porque depois do encerramento da antiga lixeira que vinha funcionando desde o tempo colonial, a edilidade conseguiu um espaço no vizinho distrito de Metuge, localizado há mais de 10km da cidade capital para deposição do lixo produzido na urbe, mas é de difícil acesso devido a distância aliada aos recorrentes problemas mecânicos que os camiões adquiridos no mandato anterior apresentam.

PUBLICIDADE

Mozambique Transportes

ABERTOS TODOS DIAS

AUTOCARROS DE LUXO

COM

- ACENTOS RECLINÁVEIS
- DVD
- WC
- A.C.

ROTAS:

- MAPUTO-BEIRA
- MAPUTO-QUELIMANE
- MAPUTO-TETE
- MAPUTO-NAMPULA

TODOS DIAS

MAPUTO: Av. 24 de Julho nº 1090 | 82 94 21 993 ou 84 20 33 629

BEIRA: Estouro em frente à antiga Padaria Progresso | 82 297 3432 ou 84 203 3829

QUELIMANE: Romosa em frente a Mesquita | 84 56 54 523